



Universidade de Brasília

Faculdade de Educação

Luciana Lopes Maciel

MEUS CAMINHOS E LUGARES DE MEMÓRIA

Brasília – DF

2013

Luciana Lopes Maciel

MEUS CAMINHOS E LUGARES DE MEMÓRIA

Trabalho final de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob orientação do professor Antônio Fávero Sobrinho.

Brasília – DF

2013

Luciana Lopes Maciel

MEUS CAMINHOS E LUGARES DE MEMÓRIA

COMISSÃO EXAMINADORA

Professor Ms. Antônio Fávero (orientador)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Dr^a Norma Lúcia Neris Queiróz
Secretaria de Educação do Distrito Federal/UnB/UAB

Professora Ms. Neuza Maria Deconto
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Ao meu querido e saudoso pai, Sr. Milton Maciel de Barros, que sonhou junto comigo essa conquista e, mesmo ausente, me fez entender que jamais poderia desistir.

AGRADECIMENTOS

Já dizia Fernando Pessoa: “tudo que chega, chega por alguma razão [...]”. É chegado o momento da gratidão.

Sem a mínima intensão de superego, apenas exercendo o amor próprio, peço gratidão a mim por não desistir dos meus sonhos e por ter recomeçado.

Gratidão, gratidão e gratidão...

Aos meus mais velhos e mais velhas que começaram, com muita luta e resistência, a trilhar nossos caminhos e me ensinam a continuar trilhando-os, em especial ao meu avô Natanael (*in memoriam*), que não pude conhecer, mas me ensinou muito com tantas histórias incríveis, cheias de aventura, sabedoria e amor que muitos da família contam com brilho nos olhos. À minha avó Lídia (*in memoriam*), que me ensinou a equilibrar, como ela dizia, “a minina sem termo” que existe em mim. Ao meu avô Joaquim Amaro (*in memoriam*), que com todo seu jeito “ranzinza” de ser se derretia todo quando recebia meu abraço caloroso. À minha avó Antonia Bezerra, Totonha, (*in memoriam*), que não tive o privilégio de conhecer, mas que papai enchia os olhos ao me falar da sua querida mãe. À minha avó do coração Adalgisa Nascimento por exercer seu amor materno comigo e se doar aos tantos netos e netas de coração.

Ao meu saudoso pai Sr. Milton Maciel de Barros (*in memoriam*), que me deu a vida, me dedicou amor, carinho e cuidado. Já ausente, ele me fez acreditar que recomeçar é necessário, mesmo que ele não estivesse ao meu lado para doar um abraço, um beijo, um olhar, um carinho. E mesmo com a dor de sua perda, me fez sentir, pela primeira, vez o que é o amor de verdade.

À minha mãe e melhor amiga, Zilda Lopes Maciel, que me inspira todos os dias com sua doçura, sensibilidade e amor; que compartilha comigo a importância da família na vida das pessoas; que com tantas histórias e causos contados desperta em mim a certeza de que sou um ser histórico junto com toda nossa família. Minha mais sincera gratidão à ela que acreditou em mim mesmo quando eu não tinha vontade nem de viver. Gratidão pelo sorriso e pela voz mais acolhedora do mundo.

Gratidão ao meu irmão mais velho, Joaquim Neto, pelo cuidado; à sua esposa, Rosana, que mais parece nossa irmã. À Priscilla, minha sobrinha do coração, e ao João Vitor, meu amor maior e sobrinho querido, por proporcionarem o exercício de mais uma faceta do amor: o amor de tia.

À minha querida irmã e amiga Lidiana Maciel, que me ensina todos os dias a amá-la; e que nós últimos tempos tem se tornado uma amiga especial que compartilha suas neuras, entende as minhas e me escuta nas horas de aflição.

Ao Snow, o mais novo membro da família, que, com o velho título adaptado de “melhor amigo do homem e da mulher”, tem alegrado a casa com seus latidos e alegria.

A todos os meus familiares da parte de mamãe, em especial às minhas tias Zilma, Zilene e Nataneli e aos meus queridos tios Zilmar, Weslei, Zélio e Zeuner pela confiança e amor que dedicam a mim e à minha querida mãe. Às minhas tias avós Luiza, Iraci e Arlinda (*in memoriam*) e aos tios avôs João Lopes e Reginaldo (irmãos do vovô Natanael) por compartilharam comigo várias histórias da nossa família e as aventuras do meu avô, o que me motivou a escrever esse trabalho e a conhecer meus lugares de memória.

Aos familiares da parte de papai, em especial à minha madrinha e prima Márcia pelo cuidado, sorriso e amor de sempre. Às minhas tias Josefa e Maria por compartilharem comigo muitos de seus saberes e histórias de nossa família.

As minhas queridas primas e primos, em especial à Marcênia, Marcela, Verônica, Aline, Adriana, e Juliana pelos momentos de confraternização mais divertidos do mundo. Aos meus queridos e divertidos primos Mateus e Jason pela amizade. Aos queridos primos Natanael e Pedro Paulo por compartilhar tantos sonhos, principalmente o da universidade e a vontade de conhecer o mundo inteiro.

À minha amada, querida, amiga de infância Kátia pela nossa amizade, cumplicidade e lealdade. Por muitas vezes me priorizar em sua vida e por me fazer acreditar que pessoas boas ainda existem. Gratidão minha irmã.

Ao amigo e irmão Hermano pela nossa amizade intensa, pela confiança e pelas inúmeras caronas até a UnB, e especialmente por fazer a Kátia, sua esposa, uma pessoa feliz.

A todas as minhas amigas, em especial à Laíra e Karol por compartilharem comigo tudo nessa vida, as alegrias, as tristezas, as conquistas, os recomeços, os carnavais, as brigas e os entendimentos e, principalmente, por entenderem minhas ausências.

Aos(às) meus(minhas) queridos(as) e eternos(as) amigos(as) do intercâmbio na Universidade de Coimbra, Portugal, que viveram junto comigo o sonho de conhecer e me aventurar pelo mundo, em especial à Jéssica minha eterna amiga de quarto por aturar minhas crises e ser a melhor amiga; ao Fernando por fazer questão de demonstrar o carinho e cuidado por mim; ao Doug pelos inúmeros momentos de gargalhadas sem fim e ao mesmo tempo se fazer presente nos momentos mais tristes; à Ligia por ser um exemplo de mulher guerreira que luta pelos seus sonhos mesmo que o mundo diga não; à Adriana e Ananda por compartilharem comigo o desejo pela docência e por uma educação cidadã; à Nayara por me ensinar a curtir a vida como ninguém; ao Alex, Márcio, Elton e Bruno pelos momentos legais e especiais; ao Heraldo por me ensinar que as panelas devem ficar somente na cozinha e nunca entre relações de amizade.; à Vivi que me inspira com sua intelectualidade; e à Michele, que com sua ausência deixou a saudade. Minha eterna gratidão por fazerem parte desse sonho. Quatro anos se passaram e a amizade permanece.

Aos(às) meus(minhas) amigos(as) da Faculdade de Educação (FE), em especial aos(às) companheiros(as) do Programa de Educação Tutorial (PET) pelos múltiplos aprendizados e conhecimentos compartilhados; à galera do grupo de pesquisa em gênero, raça e juventude (GERAJU) pelas discursões intensas e pela compreensão de que o preconceito racial também é da minha conta, sendo eu uma mulher branca, e por me fazerem entender que o afeto é importante na Academia. Ao Sr, Manoel, do corpo administrativo da FE, pelas palavras de conforto nos momentos de aflição e pelo atendimento especial aos estudantes; ao Idelbrando, o Sr. da lanchonete da FE, pelas inúmeras conversas utópicas e motivadoras nos intervalos das aulas

Às queridas amigas de curso, que compartilharam o dia a dia da universidade, tenho gratidão pelas palavras de incentivo e carinho quando pensei em desistir; pelas idas ao Bar Pôr do Sol em um intenso desejo de socialização e distração. Gratidão por me apoiarem durante toda a trajetória do curso e por compartilharem comigo o desejo pela docência, em especial à Juliana Pinto, Juliana Amikura, Marília, Larissa, Danielle, Amanda e Isabela.

Aos(às) meus(minhas) amigos(as) do trabalho pela amizade e por compreenderem minhas ausências, em especial à Núbia, Bruno, Thayane, Philipe e Carol pelas palavras de incentivo e carinho; por me fazerem rir nos momentos de crise e enchugarem minhas lágrimas; aos irmãos Terrer, Diego e Carol, pela amizade intensa e repentina e pelo incentivo à vida, física e mental, saudável.

Aos amigos Carlinha, Tatiana, Valéria e Renato pelos momentos intensos de amizade que temos vivido. Com vocês, tenho aprendido a me divertir e ser feliz sempre.

Aos amigos Felipe Petit e Guilherme pelos momentos de gargalhadas intensas. Vocês me fazem relaxar nos momentos de tensão e me ensinam a viver a vida mais leve.

Aos professores e professoras que contribuíram para a minha formação acadêmica. Por despertarem em mim o desejo pela docência e me ensinarem a ser uma educadora, mas principalmente por me fazerem acreditar que a afetividade é uma titulação mais valiosa do que um pós-doutorado. Agradeço especialmente às minhas eternas amigas, conselheiras, orientadoras e professoras Denise Botelho e Eliane Cavalleiro pela acolhida, por me fazer entender que nascemos para ser felizes e principalmente por me ensinarem que o preconceito racial é dá minha conta sim; à professora Helena Freitas que me apresentou a Educação do Campo e me fez conhecer pessoas, lugares e histórias incríveis dos Movimentos dos Sem Terra (MST), à professora Vera Catalão, que despertou a minha consciência ambiental e pela oportunidade de plantar um ipê amarelo; à professora Maria Luiza Angelim pela força e história de vida, por me apresentar seres humanos incríveis, como o Paulo Freire, e por me fazer entender o desafio que me propus: a educação libertadora; à professora Patrícia Pederiva, que me acolheu e me fez acreditar novamente na minha capacidade intelectual quando retornei para a universidade após um período

de depressão; à professora Kátia Augusta por entender minhas ausências quando precisei vivenciar o luto pela perda do meu pai; à professora Wivian Weller por compartilhar os saberes das questões de gênero na vida e na educação, e especialmente por despertar meu empoderamento enquanto mulher: meu corpo minhas escolhas; à professora Ana Abreu, que me inspirou com suas aulas sobre o ensino de história e me apresentou novas possibilidades como a história local e a museologia.

Ao meu mais que orientador Antônio Fávero Sobrinho, que despertou minha paixão pelo ensino de História e pelos lugares de memória. O que ele me ensinou está além da academia e das teorias. Tenho gratidão por acreditar e confiar em mim quando eu mesma já havia desistido e pela força que me proporcionou todas às vezes que precisei. Essa conquista é nossa!

À minha querida amiga, irmã e co-orientadora, por minha conta, Ana Luiza, pela nossa eterna amizade e por estar comigo sempre. Obrigada pelos momentos incríveis na infância, com você aprendi a andar de bicicleta e de carrinho de rolemã, a jogar beto, a andar descalça na rua, a correr atrás de doces de Comes e Damião, a pular corda e elástico; pela nossa adolescência *rock in roll*; pelo nosso reencontro na UnB; e por me fazer acreditar que ali é o meu lugar de direito, mesmo que o capitalismo selvagem diga a todo o momento que não, e por compartilhar comigo o amor pela educação cidadã e libertária. Obrigada pela contribuição nesse trabalho, já exercendo a docência acadêmica.

A todos(as) que não foram citados(as), mas que possuem lugar guardado em meu coração.

Às forças divinas e energias positivas que me fizeram chegar até aqui.

Ao amor que sempre impulsionará os meus pensamentos, ações e reflexões.

“Cidadão não passa de cidade grande [...]”.

Rapper Emicida

O mundo diz que não, mas a Universidade é meu lugar de direito.

Luciana Maciel

RESUMO PORTUGUÊS

Referência: MACIEL, Luciana Lopes. **Meus caminhos e lugares de memória.** Defesa em 2013. 65 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia – Universidade de Brasília/Faculdade de Educação. Brasília, 2013.

O presente trabalho é um memorial de formação acadêmica no qual desenvolvo reflexões e análise a respeito do meu processo de formação da educação infantil à conclusão do curso de Pedagogia. Este relato é constituído de três partes, a primeira trata das memórias da trajetória social e escolar; a segunda reflete a respeito das memórias da trajetória como estudante do curso de Pedagogia, a opção pela docência e a trajetória no curso; e a terceira expõe as memórias da experiência como estudante de História e a descoberta do papel do museu como abordagem de ensino. Assim, convido o leitor a uma viagem na educação por meio deste memorial de formação, exercendo a escrita reflexiva-narrativa da minha trajetória de vida como educadora, dos caminhos que me trouxeram até aqui: à compreensão da educação e do ensino de História como prática da cidadania, do direito à memória, à história coletiva e ao conhecimento, enquanto fio condutor da liberdade e transformação social.

Palavras-chave: memorial de formação, história de vida, educação, ensino de História, lugares de memória.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
CAPÍTULO 1: DA INFÂNCIA AO ENCONTRO COM A ESCOLA	15
Memórias da trajetória social e escolar.....	15
CAPÍTULO 2: A ESCOLHA PELA UNIVERSIDADE E A DESCOBERTA DA PEDAGOGIA	30
Memórias da trajetória como estudante do curso de Pedagogia: a opção pela pedagogia e a trajetória no curso.	30
CAPÍTULO 3: A BUSCA PELOS MEUS LUGARES DE MEMÓRIA	49
Memórias da experiência como estudante de História: a descoberta do papel do museu como abordagem de ensino.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64

APRESENTAÇÃO

A busca pelos meus caminhos e lugares de memória é a prática cotidiana que tem me motivado a seguir em frente, além de refletir a respeito da minha história no mundo, descobrir de onde eu vim, onde quero estar e quais caminhos tenho trilhado e vou trilhar para compreender a complexidade do meu viver me parecem um imperativo de todo dia. Compartilhar a minha história de vida social, escolar e acadêmica é me assumir enquanto sujeito autor da minha vida.

Para dá conta dessa complexidade optou-se pelo memorial de formação para uma abordagem reflexiva da minha história de vida como educadora, dos caminhos que me trouxeram até aqui: à compreensão da educação e do ensino de História como prática da cidadania, do direito à memória, à história coletiva e ao conhecimento, enquanto fio condutor da liberdade e transformação social.

O memorial de formação é uma opção acadêmica no qual o professor torna-se sujeito autor do seu processo de formação como educador. Durante minha experiência como acadêmica do curso de Pedagogia, a preocupação sempre esteve centrada nas formas e estratégias de ensino que eu poderia praticar na sala de aula. Mas, hoje, percebo o quão importante é refletir sobre a minha própria prática e formação.

Passeggi (2006) discute o conceito de memorial de formação em duas faces: avaliativa e reflexivo-formativa:

Quando a face avaliativa deixa espaço para a assunção da face autoformativa, cresce o valor didático do testemunho dos professores sobre os mais diversos domínios da atividade acadêmica e em seus mais variados níveis. Testemunho que se apresenta também como *contramemória* de imagens estereotipadas dos professores (BUENO et al., 1993 apud PASSEGGI, 2006, p. 72).

O autor nos convida a compreender o memorial enquanto possibilidade de tese da vida acadêmica:

Dá a importância dos memoriais, quando considerados como uma tese sobre a vida acadêmica. Pois revelam como os seus autores vão tecendo representações de princípios fundadores da docência e da pesquisa, traçando caminhos, desvelando a travessia de etapas para torna-se professor, pesquisador, orientador e formador de novos pesquisadores. (PASSEGGI, 2006, p. 72).

Passegi ainda aborda as escritas pessoais e, por assim dizer, as histórias de vidas como uma maneira que o ser humano dispõe para ser e se constituir no mundo:

[...] Ignorar ou não legitimar essas escritas pessoas é não reconhecer a dimensão simbólica do ser humano que necessita inscrever-se para ser e construir seu devir. (Gaston Pineau; Jean-Louis Le Grand in PASSEGGI , 2006 , p.69.)

No *Capítulo 1: da infância ao encontro com a escola*, narro as memórias da minha trajetória social e escolar. Compartilho as histórias de vida dos(as) meus(minhas) mais velhos(as) na tentativa de voltar ao passado para ressignificar meus caminhos do presente e do futuro. Traço reflexões entre as vivências como estudante do ensino básico e os saberes aprendidos no curso de Pedagogia.

No *Capítulo 2: a escolha pela universidade e a descoberta da pedagogia*, descrevo as memórias da trajetória como estudante do curso de Pedagogia. Exponho a opção pela docência e a trajetória no curso, e como a universidade me trouxe uma profunda mudança na minha visão de mundo. Com Paulo Freire, desconstruí aquele ensino bancário em que fui contemplada na escola. Com Denise Botelho e Eliane Cavalleiro, desconstruí os racismos e preconceitos aprendidos nas instituições sociais. Compreendi as relações de gênero na escola e a importância da educação ambiental para uma educação do futuro. Conheci realidades diversas, por exemplo, das comunidades tradicionais quilombolas, dos povos do campo. Com essa reflexão, aprendi quais caminhos quero seguir enquanto educadora.

No *Capítulo 3: a busca pelos meus lugares de memória*, compartilho as memórias da experiência como estudante de História e a descoberta do papel do museu como abordagem de ensino. Apresento estratégias e novas formas de ensinar a História que me parecem em sintonia com uma educação cidadã e libertadora. Abordagens como a História coletiva, oral, local, o estudo do meio e a educação patrimonial.

Nas *Considerações Finais*, faço uma reflexão sobre todo o trabalho. Compartilho a relação entre a necessidade de ser sujeito autor da minha formação enquanto educadora e a reivindicação de ser uma pessoa histórica. Além disso,

reafirmo o compromisso assumido ao optar pela docência por acreditar na educação como possibilidade de mudança social.

CAPÍTULO 1: DA INFÂNCIA AO ENCONTRO COM A ESCOLA

Memórias da trajetória social e escolar.

Peço licença aos meus mais velhos e mais velhas, dos quais me lembro sempre para seguir em frente. Saber das suas histórias de vida tornou-se essencial à minha vida. É como dar novo significado aos caminhos que tenho trilhado. Durante os estudos na universidade, aprendi o significado do símbolo africano *Sankofa*, um pássaro de duas cabeças, uma voltada ao passado e outra ao presente e futuro. O *Sankofa* nos ensina que é necessário voltar ao passado e resgatar a memória para continuar fazendo história no presente ressignificando-o. (Revista Sankofa, 2006).

Nasci em 28 de janeiro de 1988, em Taguatinga, Distrito Federal, filha de mãe goiana e de pai cearense. Mamãe é Zilda Lopes Maciel e papai foi Milton Maciel de Barros. Dona Zilda é primogênita de uma família evangélica de oito filhos, quatro mulheres e quatro homens; morava no interior do Goiás no Sítio da Abadia e, aos seis anos, junto com um irmão de cinco, subiu em um pau de arara e veio para Brasília morar com seus avós e com a Tia Luiza, encomendada pelo pai, meu avô Natanael. A Tia Luiza conta que veio para tão sonhada Brasília, pouco antes da inauguração, trabalhar no Hospital Juscelino Kubitschek Oliveira, antigo HJKO, primeiro hospital de Brasília que na época da construção atendia aos operários. Tia Luiza trouxe a família toda para Brasília: o meu bisavô e minha bisavó, minha mãe, os irmãos e irmãs da minha mãe, os sobrinhos e qualquer parente que queria tentar a “sorte” na nova capital. Mamãe conta que a casa da bisavó Ana parecia um portal mágico para Brasília e tinha mais redes penduradas na parede do que espaço no chão cheio de colchonetes. Vinham parentes de todo lugar, não só parentes do mesmo sangue, como costumamos dizer, mas parente do tipo “conhecido do conhecido do fulano de tal”.

Mamãe cresceu nesse universo acolhedor junto com a bisavó Ana, o bisavô Joaquim e a Tia Luiza, recebendo todos os dias várias pessoas vindas de diversos lugares do País. Aos 16 anos, ainda morando em Brasília, recebeu a notícia, uma

semana depois (afinal o melhor telefone naquela época era o pau de arara que demorava uma semana para chegar do interior do Goiás até Brasília), que seu pai (meu avô Natanael) havia falecido lá no interior. Ela chorou uma semana, uma vez que, mesmo longe, sempre foi muito apegada ao pai. É gratificante observar o carinho e admiração que ela tem por ele até hoje. Isso me dá uma sensação de pertencimento incrível.

Ouvir as histórias da minha família por meio de longas conversas com a Tia Luiza e com o Tio João é como escutar aquela música que agrada muito aos ouvidos e a gente quer repetir sempre.

E esse mergulho do autoconhecimento me levou lá para as bandas do sertão do Cariri, lá em Juazeiro do Norte, Ceará. Vamos às histórias de papai.

Papai Milton é o filho caçula de uma família católica e devota de “Padim Ciço”. Além da coincidência de terem sete irmãos cada um, mamãe e papai nasceram no dia 30 de agosto, sendo o “Sr. Milton” um ano mais velho. As coincidências não param por aí, uma vez que ambas as famílias são retirantes. Meu avô Joaquim e minha avó Antônia firmaram pouso em Brasília vindos do interior do Ceará, da cidade de Juazeiro do Norte, na década de 1960.

A vinda para Brasília aconteceu pela necessidade de deixar o tão amado Juazeiro do Norte em busca de melhores oportunidades e também marcada por brigas, desavenças e preconceitos familiares. O Tio Francisco Maciel, irmão mais velho de papai, apaixonou-se pela Tia Alaíde. Até então tudo certo, a não ser pelo fato de que Tia Alaíde ser mais velha que Tio Maciel. A diferença de idade foi motivo para falatório em toda a cidade, as ofensas foram inúmeras e o preconceito foi geral. Apesar disso, os dois continuaram juntos com consentimento da nossa família, que respeitou a vontade do Tio Maciel. O caso deles foi o primeiro da cidade e logo encorajou outros casais a assumirem seus romances. O mais conhecido de todos foi o caso do Zé Maromba, melhor amigo do Tio Maciel. De acordo com minhas tias, ele não levava desaforo para casa, talvez seja daí o apelido. O Zé Maromba começou a namorar uma mulher mais velha e, como não poderia de ser outro jeito, as pessoas da cidade começaram o falatório. Muitas fofocas aconteceram e dentre elas a de que o meu Tio Maciel, até então melhor amigo do Zé, falou mal do relacionamento “desavergonhoso” do Zé com sua amada mais velha. Como não

levava desafora para casa, Zé Maromba foi logo tirar satisfação com meu tio acompanhado por sua arma de fogo. Tia Zefinha conta que Tio Maciel estava no bar encostado de costas na bancada quando entrou Zé Maromba anunciando: “o cabra que falou de mim e da minha mulher pagará com sua vida”. E assim atirou no Tio Maciel. Quando mencionei que a vinda para Brasília foi marcada por brigas, foi retratando essa triste história. Meu avô Joaquim resolveu vir para Brasília fugindo da responsabilidade de ter mandado matar Zé Maromba, que, no final das contas, morreu por outras razões. Dessa família arretada eu carrego a coragem, a força e a justiça, e tenho tentando ser melhor, deixando os rancores, brigas e vinganças.

Nessa mistura multicultural, de um lado uma família goiana, calma, tranquila e pacata, de outro uma família nordestina, cearense, arretada, briguenta e apressada, eis que o amor vem trazer a calma: a união de papai e mamãe.

Eles trabalhavam como vendedores em uma ótica, papai funcionário e irmão da dona da loja, e mamãe apenas funcionária. Apesar de trabalhar na ótica, mamãe cursava a Escola Normal de Brasília e formou-se no Magistério. Voltando ao encontro do casal, logo que se conheceram, tornaram-se melhores amigos e da amizade surgiu o namoro. Não se esperou muito tempo, apesar de papai naquela época namorar outra garota, foi por mamãe que o coração bateu mais forte, e logo decidiram ficar juntos e se casar. No casamento surgiram as diferenças, mamãe de família tradicional presbiteriana e papai de família tradicional católica. Vovó Antônia, mãe de papai, logo disse que o filho dela não se casaria em uma Igreja Evangélica. Mas mamãe, sempre muito decidida, disse que se casaria na Igreja Católica, quebrando o preconceito religioso entre as famílias. A família dela, que nunca havia entrado em uma Igreja Católica, foi ao casamento. Da união nasceu meu irmão mais velho, Joaquim Neto, minha irmã do meio, Lidiana, e seis anos depois vim ao mundo, a caçula.

Minha mãe conta que, ainda solteira, tinha se cadastrado no programa do governo para ganhar uma casa e felizmente foi sorteada. No mesmo ano do casamento meus pais tinham onde morar. Segundo ela, foi uma felicidade só. Papai tinha conquistado o próprio negócio e, com um dinheiro a mais, conseguiu reformar a casa para a chegada do meu irmão. Outra paixão da família é o futebol. Meu pai, além de trabalhar no comércio local da cidade, gostava muito de jogar futebol de

salão, ele era torcedor fanático do time Vasco da Gama, do Rio de Janeiro. Papai se profissionalizou, jogando em vários times, nos quais fez muitos gols. Por fim, realizou o grande sonho de construir a Associação de Futebol de Salão de Taguatinga (AFUSTA) que deu início a várias outras associações de futebol na cidade. Ele sempre se orgulhou muito dessa trajetória e até hoje temos os seus vários troféus e medalhas.

Em meio a essa paixão do meu pai pelo futebol e mamãe grávida de seis meses a minha espera, em outubro de 1987, papai ficou doente em decorrência de uma Acidente Vascular Cerebral (AVC). Os médicos disseram que se não fizessem a cirurgia ele não sobreviveria, mas, caso optasse por ela, só teria 1% chance de vida. Minha mãe não pensou duas vezes ao assinar o termo de risco cirúrgico autorizando o procedimento. Ela se apegou a esse 1% de chance. Quando nasci, em janeiro de 1988, meu pai já estava em casa me segurando no colo. O meu nascimento foi a esperança de seguir em frente, e papai então se recuperou.

Essa habilidade da minha mãe em ser tão decidida é algo que admiro e aprendendo todos os dias. Com meu pai doente e com uma filha recém-nascida, ela decidiu que não poderia parar. Assumi os negócios da família, nas idas e vindas com meu pai no hospital para fazer fisioterapia, aprendeu a dirigir e a fazer um cantinho para mim aonde quer que fosse. Ela conta que eu vivia dentro do carro e fala que talvez seja daí o gosto que tenho pela direção automobilística. Mas a gente vai mudando, hoje prefiro muito mais pegar um metro, ler um livro no caminho, andar alguns quilômetros a pé e andar de bicicleta do que passar horas no engarrafamento.

É nesse universo que tenho crescido e aprendido muito, cheia de histórias para contar e compartilhar. Saber de todas elas é como poder mergulhar no universo infinito do autoconhecimento. Saber que sou extremamente sociável, acolhedora, falante, contadora de histórias, decidida, chorona, sensível ao outro tem feito muito mais sentido agora. Conhecer a história de vida da minha família, de onde vieram, como vieram, quais seus sonhos, quais os caminhos que percorreram é uma busca que tenho feito nos últimos anos.

À infância é sem dúvida a melhor época da vida. As brincadeiras de pique-pegas, pique-esconde, pique-alto, pique-bandeirinha, jogo de beto, carrinho de rolimã,

patins e todos os outros jogos de rua possíveis e imagináveis contribuíram para me tornar a moleca que sou. Muitas vezes, durante o dia, eu ficava em casa com meus irmãos e com pessoas que mamãe pagava para cuidar de nós, além dos vizinhos que sempre quebravam um galho, pois mamãe e papai sempre trabalharam fora e ainda não tinham descoberto a escola.

A cultura do bairrismo é outra boa lembrança da infância, pois fui criada na Região Administrativa de Taguatinga. Na minha rua, todos sabem quem é filho de quem. Conhecemos uns aos outros, nos álbuns de fotografia de cada família tem pelo menos metade dos vizinhos sorrindo. Foi nesse clima saudável de família que fiz meus melhores amigos, os quais levo “no lado esquerdo do peito”.

Apesar das ausências de papai e mamãe, a educação que recebi da minha família é, ainda hoje, suporte à minha vida. Ter respeito ao outro, receber as pessoas com amor e dedicação são saberes que levo sempre comigo. Com minha mãe, aprendo o quanto é importante amar a si mesma, a respeitar os mais velhos, a ter calma, paciência e generosidade com o outro. Com papai, aprendi que futebol também é coisa de menina, que o cuidado com o outro é fundamental e que ser dedicada, organizada e determinada faz um bem danado para vida. Com meu irmão e minha irmã, aprendo a lidar com as diferenças, a exercer o respeito e o amor fraternal. Nos últimos dez anos, ganhamos mais três membros na família, Rosana, minha cunhada, Priscilla, minha sobrinha do coração, filha da minha cunhada de outro relacionamento, e o João Vitor, meu sobrinho. Com ele, aprendo todos os dias o que é amor de verdade.

A educação institucional se encontrou comigo logo cedo, comecei a frequentar o Colégio Brasileirinho aos três ou quatro anos de idade. Tenho doces e amargas lembranças dessa época. Sempre fui uma criança gordinha e até entrar na escola essa condição física não era um problema na minha vida. Foi lá que tive que lidar com o preconceito. Mas vamos recordar os bons momentos. Minha mãe me conta que eu sempre pedia para participar de todas as atividades da escola: adorava participar das quadrilhas juninas, das atividades de danças e esporte. Outra lembrança que tenho é a ida para escola no ônibus escolar com o Tio Cido. Eu era a mais nova da turma do ônibus e todos me paparicavam muito. Minha mãe, às vezes, me buscava na escola, mas quando ela me avisava que iria, eu já sabia que ia

esperar muito. Mas foi assim que me tornei amiga da maioria dos funcionários da escola, que ficavam comigo a espera da minha mãe. Uma habilidade engraçada que adquiri nessa época e que levo até hoje é dormir em qualquer lugar e situação. Lembro que na sala a professora fazia a hora do sono já no final da aula, mas eu dormia quase para sempre.

A infância é uma fase do desenvolvimento da criança tão importante que as lembranças e a memória são carregadas por muito tempo. Tenho recordações da minha primeira professora, do tio do ônibus, do tio da pipoca, da funcionária que ficava comigo depois da aula e de tantos outros momentos.

No Colégio Brasileirinho eu vivi as primeiras experiências escolares. Hoje percebo o quanto a escola se propunha a uma educação nacionalista, tradicional e religiosa. O patriotismo já vinha explícito no nome da escola, lembro que tínhamos sempre o horário cívico, cantávamos o hino nacional acompanhando a bandeira subir no mastro. Quando íamos formar a fila para sair da sala, a música que nos embalava era: “marcha soldado, cabeça de papel, quem não marcha direito vai preso para o quartel [...]”, e isso é lá música para criança? A escola ficava no mesmo terreno da 1ª Igreja Presbiteriana de Taguatinga, fundada pelo meu bisavô Joaquim Lopes, daí a paixão da minha mãe por aquela escola.

Depois do Brasileirinho, da alfabetização até o o terceiro ano do ensino médio, estudei em uma mesma escola: o Centro Educacional Stella Maris. Nesses 11 anos de Stella não tinha outra opção a não ser conhecer todo mundo da escola. Como sempre tive que lidar com vários preconceitos ao longo da vida escolar, minha estratégia foi ser extremamente sociável. Conhecia desde a diretora aos porteiros. Até hoje quando volto lá conheço uma ou outra pessoa.

O Stella Maris, assim como o Brasileirinho, era uma escola religiosa, sendo que dessa vez não fazíamos orações, mas rezávamos o terço, o Pai Nosso e a Ave Maria todos os dias. Mas, afinal, a escola não haveria ser uma instituição laica? Na minha trajetória escolar não tive esse privilégio da laicidade. Essa questão não me incomodava, mas tinha colegas que não gostavam de seguir essas regras, o que se tornava um problema. Fischmann (2011) é assertiva ao defender que o ensino religioso não deve ser ensinado nas escolas:

O lugar do ensino religioso não é na escola pública, mas na família e nas comunidades religiosas, para quem assim o quiser. Por ser ligado ao direito à liberdade de consciência, de crença e de culto, o ensino religioso depende de ser buscado, não de ser oferecido sob a égide do Estado, por ser matéria íntima, de escolha, segundo a consciência de cada pessoa. (FISCHMANN, 2011)

Mudei para o Stella cursando o Jardim 3, a antiga alfabetização. O nome da minha professora era “Tia Junia” e quantos equívocos nessas poucas palavras, já dizia Paulo Freire em sua obra *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*.

Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco. Ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é tia por profissão. Se pode ser tio ou tia geograficamente ou afetivamente distante dos sobrinhos, mas não se pode ser autenticamente professora, mesmo num trabalho a longa distância, “longe” dos alunos. Esta análise do mote “professora-tia” é mais um capítulo da luta contra a tendência à desvalorização profissional representada pelo hábito, que se cristaliza há cerca de três décadas, de transformar a professora num parente postiço. (FREIRE, 1997, p.10).

Já exercendo os ensinamentos de Paulo Freire, a professora Junia me iniciou no mundo letrado, escrito. Recordo-me muito bem do método silábico BA-BE-BI-BO-BU e do LA-LE-LI-LO-LU, que eu repetia cantarolando no pensando a música da boneca Lu Patinadora: “LA-LE-LI-LO-LU Patinadora”. Com essas associações que eu fazia na cabeça utilizando experiências vivenciadas por mim, foi bem mais fácil aprender. A professora Junia me cortava às vezes, então comecei a cantar só no pensamento.

Durante a alfabetização, tive o primeiro contato com o preconceito, eu era uma menina gordinha do cabelo enrolado. Por um bom tempo eu escondi a foto da formatura, a professora me fez desamarrar o cabelo e pousar sorrindo para foto, quando, na verdade, eu estava morrendo de vergonha e raiva. Ainda bem que estava no final do ano, mas até o fim das aulas fui o motivo de piadas constantes: cabelo de Bombril, baleia assassina e por aí vai. Não me recordo de receber a intervenção da professora nessas situações, no máximo era um “cala a boca fulano, não é hora de conversar”.

Quando fui para o ensino fundamental, comecei a me permitir mais e me importar menos com o que as pessoas falavam. A minha estratégia foi participar de tudo e me tornar uma pessoa muito sociável, assim, todos me conheciam e os

preconceitos diminuía. Mas que doce engano o meu, eles diminuíram na minha frente, mas por trás continuavam.

No início do ensino fundamental, eu aproveitava tudo o que a escola me oferecia, desde aprender $1 + 1$, fazer amigos, participar das atividades de esporte, até ser representante da turma no conselho de classe. Essa experiência de representar meus colegas me rendeu boas histórias.

Em meio a tantas mudanças, alfabetização, educação infantil e ensino fundamental, minha mãe ficou doente, teve um câncer de mama. Durante o tratamento dela, eu fui morar com meus tios. Foi uma época difícil na escola, pois eu chorava muito. Depois fui acostumando com a ideia e com carinho e amor da minha família, e consegui seguir nos estudos. Nessa ocasião, eu me recordo de ter recebido muito apoio da escola.

Na 2ª série, eu mudei para o turno vespertino. Eu voltei para minha casa, junto com minha mãe já recuperada e tudo em seu lugar. No começo, não gostava de estudar a tarde, sentia muito calor e ainda tinha que fazer amizades.

Na 3ª série, eu voltei a estudar de manhã. Foi nessa etapa que fiquei de recuperação pela primeira vez. E como eu chorei, parecia que o mundo iria se acabar em lágrimas. Essa etapa foi difícil, eu tinha muita dificuldade com matemática, me parecia tudo muito diferente e eu comecei a me perguntar que tanto número com letra era aquele que eu nunca usei? Lembro da minha professora nessa época, Fabiana, essa mulher gritava. Devíamos ser bem agitados, pois além de falar muito alto, ela batia no armário de aço, aí sim a turma ficava quieta. Mas, hoje, me questiono. Qual seria o lugar de fala da professora? Uma educadora que se faz autoridade em sala de aula ou quem reproduz o autoritarismo?

Fundar a autoridade sobre bases ilegítimas leva ao autoritarismo e à injustiça. Porém, negar a autoridade em nome de igualdades forçadas leva à hipocrisia nas relações humanas. Os dois perigos encontram-se no campo da educação. Por exemplo, se a escolar negar toda e qualquer capacidade de discernimento e singularidade intelectuais aos alunos, ela se arvora o direito da arbitrar indiscriminadamente sobre cada uma de suas condutas – eis o autoritarismo – e, em caso de fracasso, por parte deles, longe de questionar suas pretensões e métodos, ela incrimina aqueles que “fogem da norma”: são indisciplinados, preguiçosos, retardados – eis a injustiça. (DE LA TAILLE, 1999, p. 9).

A 4ª série marcou meu encontro com o ensino de História. A Professora Jane era famosa na escola e todos queriam estudar com ela. Felizmente tinha chegado minha oportunidade. Quando as aulas de História começavam, eu nem piscava, podendo ficar horas escutando ela falar. Recordo-me de que ela passou um trabalho em que tínhamos que realizar uma pesquisa sobre todos os presidentes do Brasil e montar um cartaz com o retrato de cada um deles, o período do mandato e um breve relato de sua história. O trabalho foi feito em dupla e fiz com minha amiga, a Thatchelly. Naquela época nem eu nem ela tínhamos computador, fizemos o trabalho todo manual. Nós criamos até calo nas mãos de tanto escrever e lembro que passávamos noites e noites fazendo esse trabalho com a ajuda da mãe dela. Essa experiência foi muito interessante, pois a professora saiu da rotina de falar por horas e horas na sala e introduziu a pesquisa, a descoberta e as idas às bibliotecas, pois não tínhamos acesso à internet. Foi nessa oportunidade que conheci a Biblioteca Pública Machado de Assis, em Taguatinga, a qual frequente até hoje.

Deixando as séries iniciais do ensino fundamental, comecei a conhecer as séries finais, e foram muitas mudanças. A primeira foi que não tínhamos um ou dois professores, esse leque se abriu para mais de seis ou sete. A segunda mudança foi que não tínhamos mais a disciplina Estudos Sociais, substituída por História e Geografia. A terceira mudança foi que todos, por algum motivo, não chamava nenhum professora de Tia. Ao tratar desse tema, Paulo Freire (1997) nos alerta a respeito de sua reflexão em *Professora, sim; Tia, não*:

O que me parece necessário na tentativa de compreensão crítica do enunciado *professora, sim; tia, não*, se não é opor a professora à tia não é também identificá-las ou reduzir a professora à condição de *tia*. A professora pode ter sobrinhos e por isso é tia da mesma forma que qualquer tia pode ensinar, pode ser professora, por isso, trabalhar com alunos. Isto não significa, porém, que a tarefa de ensinar transforme a *professora* em *tia* de seus alunos da mesma forma como uma *tia* qualquer não se converte em *professora* de seus sobrinhos só por ser *tia* deles. Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa *militância*, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser *tia* é viver uma relação de parentesco. Ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é *tia* por profissão. Se pode ser *tio* ou *tia* geograficamente ou afetivamente distante dos sobrinhos mas não se pode ser autenticamente *professora*, mesmo num trabalho a longa distância, “longe” dos alunos. (FREIRE, 1997, p.9).

A quarta e triste mudança que consigo me lembrar é que a maioria das minhas amigas começaram a paquerar os meninos da escola, mas, eu carregada

pelos preconceitos, me enfiava cada vez mais nos estudos. Essa era minha estratégia, ser querida pela minha inteligência, fui a típica *nerd* amiga de todos e todas. Quem colava em mim passava sempre com boas notas, não precisava aprender não, boas notas já bastavam.

Quando digo “boas notas já bastavam” é exatamente levantando a crítica ao ensino tradicional, como diria Paulo Freire, bancário:

Não é de estranhar, pois, que nesta visão "bancária" da educação, os homens sejam vistos como seres da adaptação, do ajustamento. Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos. (FREIRE, 2006, p. 64)

Os professores depositavam seus conhecimentos sobre as matérias e nós alunos, seres sem luz, recebíamos o depósito que pagaríamos com, no mínimo, 6,0 pontos para cada um deles, ou seja, em cada prova.

Alguns acontecimentos marcaram essa época. Mesmo que timidamente, eu comecei a criticar várias ações da escola e ter mais consciência do meu processo de aprendizagem. Foi o meu despertar de consciência crítica. Na 5ª série, nas eleições para representante de turma, eu prontamente participei do processo, em uma conversa ou outra com os colegas, eu exponha as minhas ideias para a turma, mas era um processo muito inocente sem muita consciência política. Até que outra colega, que também estava participando do processo, começou a “comprar” o voto da turma com a cômica promessa de dar lanche para quem votasse nela. Quando soube dessa atitude, comuniquei à professora, que expôs a situação para a turma e propôs que eu fosse a representante, fizemos uma votação e a maioria concordou que eu representasse a turma naquele ano.

Na 6ª série, eu presenciei um fato muito triste, meu grupo de amigas estudou em turmas diferentes, e uma amiga, que também era gordinha, foi vítima de preconceito dos garotos da turma dela. Os meninos aproveitaram que ela havia se levantado, e, ao voltar para sua mesa, eles puxaram a cadeira, a fazendo cair no chão. Disseram a todos que na verdade ela havia sentado e com o seu peso a cadeira havia se quebrado. Ela chorou por dias e dias e pediu para mudar de turma, mas a escola disse que era bobagem, brincadeira de criança que não deveria levar a

sério. Aí eu me pergunto: quantas “brincadeiras bobas” já traumatizaram e estigmatizaram diversas crianças no ambiente escolar? Podemos contar duas aqui. Cordazzo e Vieira (2007) nos atenta para a influência da brincadeira no processo de desenvolvimento e ensino-aprendizagem:

Outro fator que pode ser observado na brincadeira é o desenvolvimento emocional e da personalidade da criança. Para Friedmann (1996) e Dohme (2002) as crianças têm diversas razões para brincar, uma destas razões é o prazer que podem usufruir enquanto brincam. Além do prazer, as crianças também podem, pela brincadeira, exprimir a agressividade, dominar a angústia, aumentar as experiências e estabelecer contatos sociais. (CORDAZZO E VIEIRA, 2007, p. 97).

Na ocasião, vivenciamos situações de preconceitos pela estrutura física, mas há outras situações de preconceitos que já ocorriam na escola, especialmente as situações de preconceito racial. Naquela época, eu achava normal que nas minhas turmas só tivessem três ou quatro amigos negros. Não havia me dado conta que esse fato é uma questão de racismo escolar e institucional. Eliane Cavalleiro nos esclarece sobre essas questões da linguagem discriminatória por meio dos apelidos e xingamentos:

Afora isso, há outros fatores que, outrossim, favorecem a interiorização/cristalização de ideias preconceituosas e atitudes discriminatórias contra os(as) alunos(as) negros(as). Dissimulações, apelidos, xingamentos, ironias consolidam a perpetuação de preconceitos e discriminações raciais latentes. (CAVALLEIRO, 2005, p. 10).

Outra vez, na 7ª série, a nossa turma começou a pegar no pé da professora de Português, todo mundo fazia piadas com ela. Toda aula era um suplício e dava para perceber isso no jeito dela. Até que um dia ela entrou na turma e disse que nunca mais voltaria a dar aula para gente. Nesse dia, fui chamada na direção para conversar e a coordenadora me pediu ajuda. Ao voltar da direção fiz uma roda de conversa com os meus colegas, argumentei que aquela atitude poderia até ser engraçada no primeiro momento, mas que tomou proporções ruins, tínhamos feito a professora pedir para sair e se sentir mal em estar com a gente. Desde aquele dia combinamos de dedicar a ela um tratamento mais amigável. A professora voltou às aulas, a maioria da turma pediu desculpas e desde então tivemos um bom relacionamento.

No último ano do ensino fundamental, a 8ª série, o clima da escola foi o melhor possível, entramos na era da ascensão escolar, digamos assim. Enfim

éramos a galera da oitava! Nessa época, eu me apaixonei pela Matemática e pela História essas eram minhas matérias favoritas. O Professor Rui, de Matemática era que nem a Professora Jane, de História, todos queriam ser alunos desses dois. O Rui foi o primeiro professor homem que tive desde que conhecia a escola, esse fato me marcou muito, hoje percebo quantos preconceitos estiveram envolvidos naquela escola.

O Rui foi o conselheiro da nossa turma. Foi com ele que aprendi a afetividade na sala de aula. Ele sentava com a gente, participava dos jogos, torcia junto conosco, era parceiro mesmo. Foi com ele que aprendi sobre drogas, ele compartilhou com a gente a história de quando foi viciado em algumas drogas e de como conseguiu superar essa fase e alcançar seus objetivos e a docência. Nunca me esqueço dele. Foi uma prova de muita confiança compartilhar conosco um momento tão íntimo.

Se já foi uma ascensão ser da “galera da oitava” imagina ser a “galera do ensino médio”. Essa fase foi marcada por novas descobertas, muitos questionamentos e decisões importantes.

A primeira grande descoberta nessa época foi a faculdade. Vi vários amigos mudarem de escola naquele ano para uma instituição que “preparasse melhor os alunos” para o vestibular, esse era o discurso maior. Mesmo que eu tentasse seguir esse fluxo, não pude e não quis. Não pude, pois sempre fui bolsista nessa escola, pagava menos da metade do valor da mensalidade esse benefício não seria fácil conseguir em outra escola. Mas eu também não quis, porque, depois de nove anos no Stella, meu apego por aquela escola falou mais alto, e também minhas amigas do peito ficariam, apenas a Tchatchelly, aquela do trabalho de história, saiu.

A segunda grande descoberta foi que a partir daquele momento eu teria mais do que seis ou sete professores esse número aumentaria para mais de dez. Além disso, pela primeira vez eu teria mais professores homens, o Professor Rialdo e Márcio de Matemática, o Professor Alvir de Física, o professor Esdras de Biologia, o Professor Cleivanir de Geografia, o professor Reinaldo de História, o professor Emerson de Educação Artística, e ainda os professores de Literatura e Ensino Religioso dos quais não me recordo o nome. Até que enfim professores homens

naquela escola. Mas vejam que no ensino fundamental e nas séries iniciais essa ausência masculina imperou.

Outra importante descoberta é que eu não mais estudaria a História apenas como uma área de conhecimento. Eu estudaria a História do Brasil e do Mundo porque essa matéria iria cair no tão famoso vestibular da UnB, no Programa de Avaliação Seriada (PAS). A minha vontade em estudar na Universidade de Brasília começou nessa época.

A maneira de ensinar dos meus professores do Ensino Médio parecia muito diferente de tudo que eu já havia vivenciado, e de fato era mesmo. As aulas eram muito dinâmicas, a gente frequentava bastante a biblioteca e os laboratórios de informática e ciências. Havia aqueles que mantiveram certa tradicionalidade de “o professor fala e você escuta e anota”. Mas tive experiências bacanas.

Uma dessas experiências foi quando fizemos uma peça do livro *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna. O mais interessante foi que esse trabalho foi realizado em conjunto com a Professora Elisângela, de Literatura, o Professor Emerson Artes e a Professora Miriam de História. Esse livro me faz recordar as histórias da família do meu pai, talvez seja pelo cenário nordestino em que é narrada, talvez seja pelas confusões das cenas. Esse foi um trabalho muito bacana, pois envolveu a escola inteira, tantos os alunos de diversas turmas e séries diferentes e a maioria dos professores. Foi uma atividade muito didática, já utilizando termos acadêmicos aprendidos e que despertou em muita gente a vontade pela leitura. Antes, liamos os livros que iria cair no PAS. Esse foi diferente, a gente leu mais de uma vez e tenho certeza que muitos se recordam desse momento. Quando vou aos encontros da turma do Stella, sempre colocamos em pauta esse momento.

Outra experiência bacana dessa época é que as decisões e escolhas começaram a ser mais conscientes. Comecei a participar efetivamente do conselho de classe, a conversar com os professores sobre a turma e até com pais e mães.

No 2º ano do Ensino Médio tivemos um acontecimento incrível na escola: fizemos o primeiro protesto. Nessa época, as manifestações começaram a surgir. Naquele ano, iríamos participar dos jogos escolares. Se antes havia briga para escolher quem formaria os times, agora faltava vontade de participar. Nosso foco era

outro, estávamos mais preocupados em estreitar as relações de amizade e estudar para o PAS do que participar das Olimpíadas Escolares. No início dos jogos, a escola tinha a regra de cada turma escolher a cor e um desenho para a camiseta da turma, mas não era de graça, pagaríamos R\$ 50,00. Fizemos uma reunião e decidimos que naquele ano não faríamos as camisetas, e o argumento para não seguir essa regra da escola era comum: “não temos dinheiro para pagar”. Como representante da turma, comuniquei a professora de Educação Física que não faríamos a camiseta, pois muitos colegas alegaram não ter dinheiro para investir nas camisetas. Pedi a ela que pensássemos em uma alternativa. Doce engano o meu pensar em alternativas. Ela até me deu duas: ou fazíamos a camiseta ou ela reprovaria todos da nossa turma.

Adolescente é contrariado é complicado, não? Fizemos outra reunião entre os alunos e decidimos que não faríamos a camiseta, que não tinha escrito em nenhum lugar essa regra (olha a cultura escrita e documentada tomando conta da gente) e que iríamos “causar” na abertura dos Jogos. Combinamos de fazer alguns cartazes com frases do tipo: “não temos dinheiro para a camiseta, mas queremos participar”. Chegamos bem cedo na escola no dia da abertura dos jogos e sentamos todos na quadra da escola em protesto, impedindo o início da cerimônia.

A professora Irene de Educação Física me chamou e disse que iríamos para a sala do diretor da escola, atrás de mim e dela, vieram mais uns três amigos, além do Professor Cleuvanir, nosso conselheiro, a coordenadora Telma. Argumentamos que não fizemos a camiseta, pois muitos não tinham como pagar, mas que queríamos participar dos jogos. O diretor e a coordenadora concordaram com o nosso argumento e pediram que a professora reconsiderasse a decisão e desse um colete para cada um da turma para nos diferenciar dos outros times. Assim, saímos da quadra e a abertura dos jogos teve início.

A minha relação com o Stella na época do ensino médio foi um tanto conflituosa, pois, de um lado era uma escola católica cujas regras eram excessivas, e de outro vivíamos a adolescência, sempre buscando burlar todas as normas. O horário para entrar na escola era às 13h30, e eu sempre chegava às 13h00 e ficava na porta “trocando ideia” com a galera e com o Sr. Zé, o “cara” mais legal do mundo, que sabia mais da gente do que qualquer outro naquele lugar. Mas o bedel do Stella

começou a implicar com o Sr. Zé e queria retirá-lo da porta da escola, então, quando dava 13h30, ele não deixava a gente entrar, mesmo que tivéssemos os 15 minutos de tolerância, que usávamos, claro, todos os dias.

Outra chatice era na hora do término das aulas, pois, muitas vezes os professores acabavam de ministrar suas disciplinas e ficávamos ociosos na sala de aula, sem nenhuma atividade. Mesmo assim, não podíamos ir embora para casa.

Outro comportamento proibido era andar de mãos dadas com aquele “gatinho”, mesmo que fossem amigos: “onde já se viu uma menina de família andar de mãos dadas com meninos na escola”. Escutar música durante o intervalo sem ser aquelas religiosas, nem pensar. Qualquer aparelho eletrônico era confiscado e entregue aos pais no dia a reunião.

Além das relações com a escola e com os professores, nessa época, os relacionamentos eram muito intensos. Lembro que se formaram várias “panelinhas” nas turmas. Tinha o grupo das *patricinhas*, o dos *playboys*, o dos *nerds*, a galera *rock and roll* e tinha aquela turma que, por não se encaixar em grupo algum, começaram a andar juntos, e esse era o meu grupo, mesmo mantendo a característica sociável e de conhecer todos.

Além das descobertas e mudanças que o ensino médio trouxe, tive que tomar decisões importantes. Era chegado o momento de escolher minha profissão. No 3º ano do ensino médio, a escola fez uma série de palestras de orientação vocacional e fizemos uma visita à Universidade de Brasília. Essa visita a UnB foi paixão à primeira vista. Esse primeiro encontro foi o suficiente para me fazer crer que ali era o meu lugar.

CAPÍTULO 2: A ESCOLHA PELA UNIVERSIDADE E A DESCOBERTA DA PEDAGOGIA

Memórias da trajetória como estudante do curso de Pedagogia: a opção pela Pedagogia e a trajetória no curso.

Desde a primeira ida à UnB, tive a certeza de que ali era o meu lugar. Concluí o ensino médio em 2005 com muito êxito. Mesmo tendo abandonado o PAS na terceira etapa, decidi que estudaria para o vestibular tradicional da UnB. Fiz a matrícula em um curso preparatório para o vestibular no primeiro semestre de 2006, e no segundo semestre, após um período de greve, lá estava eu realizando a matrícula no curso de Pedagogia junto com meu pai, minha mãe e meu tio Zilmar. Foi um dos momentos mais felizes da minha vida. A família me apoiou muito, mesmo sendo um semestre de estudo, a vida de estudante de cursinho foi maçante. Cheguei a dividir com Karol, uma amiga da época da escola e que compartilhou o sonho da UnB comigo, um prato feito, o popular PF, que custava R\$ 5,00. Cada uma pagou R\$ 2,50, que era o dinheiro que tínhamos para almoçar.

A universidade parecia um portal mágico, tal como a casa da minha bisavó em Brasília, que recebia várias pessoas. Fazer parte daquele universo era um sonho. Como moradora de Taguatinga, o Plano Piloto e a tão sonhada Brasília era mesmo um sonho distante. Eu e a Ana Luiza, uma amiga também moradora de Taguá, combinávamos de pegar o ônibus para andar por Brasília. Muitas vezes arrumávamos alguma oficina de arte no Espaço Cultural Renato Russo, na quadra 508 sul. Combinamos essa ida um mês antes com a mãe dela e, assim, nada

poderia dar errado. Quando eu me deparei com a ideia de escolher uma faculdade, logo pensei que teria que ser em Brasília e optei pela UnB.

A minha opção pela Pedagogia teve várias influências, e, hoje, finalizando o meu curso, consigo observar isso mais claramente. A primeira grande influência foi a minha relação com a escola. Como estudei no *Stella* por 11 anos, a afetividade por aquele lugar foi e ainda é enorme. Eu me apaixonei por aquele universo.

O interesse pela educação foi despertado pela forma que vivenciei o ambiente escolar. Embora o Stella não tivesse sido uma escola maravilhosa, tinha suas mazelas como qualquer instituição, foi lá que criei laços afetivos com a educação; fiz amizades que trago até hoje; tive professores incríveis que estiveram comigo em praticamente todos os momentos dessa trajetória na escola, que não só me ensinaram o que determinava o currículo, mas o aprendizado para vida toda.

Na relação com a escola havia afetividade e um clima intenso de família que a gente escolhe. Tanto os amigos quanto os professores, os coordenadores, a galera da limpeza, o Sr. Zé da lanchonete me acolhiam muito, enxugaram minhas lágrimas quando chorei, sentaram do meu lado quando precisei e se manifestaram comigo quando não concordei com as regras e normas impostas pela escola.

O ambiente escolar foi um atrativo para mim. Sempre participava das atividades desenvolvidas na escola, tais como reivindicar meus direitos como estudante, contribuir nas reuniões do conselho de classe, representar a turma e até mesmo estudar! Essas vivências além da sala de aula despertaram meu interesse pela educação.

A segunda grande influência foi a familiar. Minha mãe estudou na Escola Normal de Brasília e concluiu o curso de Magistério. Apesar de ter desenvolvido pouco a profissão de Professora, sempre contava as histórias daquela época com muito entusiasmo. Apaixonada pela literatura, ela sempre me contava as histórias dos livros que leu durante o Magistério. Sempre senti que ela gostaria de ter seguido a profissão. Quando falei que gostaria de cursar Pedagogia, vi os olhos dela brilharem. Ela me disse, certa vez, que eu realizaria o sonho dela: ser professora.

A minha tia-avó Iraci, tia de mamãe, foi outra grande inspiração. Ela foi a primeira professora da minha mãe e me contou mil e uma histórias daquela época.

Essas histórias me fascinavam. Saber que esse desejo pela docência é também carregado de certa tradição familiar faz certo sentido, mesmo que eu fuja muito das tradições hoje.

Outra grande influência na escolha pela Pedagogia foi a socioeconômica, e que dureza foi admitir isso. Quando estudei no cursinho pré-vestibular tive a ajuda financeira da minha madrinha para pagar a mensalidade, pois meus pais não tinham como pagar. Nesse contexto, eu pensei: que decisão difícil escolher um curso que poderá ser a minha profissão por um bom tempo nesse mundo. Não exitei em escolher as minhas possibilidades mediante a análise da nota de corte no vestibular. A Pedagogia sempre foi uma opção, quando verifiquei que o curso não me exigiria uma nota muito alta no vestibular tive a certeza da escolha. Foi perfeito!

Na epígrafe desse trabalho, eu digo que “O mundo diz que não, mas a universidade é meu lugar de direito”. Feita a matrícula no curso, vamos às aulas. Logo comecei a desconfiar que uma força oculta me dizia que ali não era o meu lugar. Como moradora de Taguatinga, para estar na aula que começava às 8h, eu acordava todos os dias às 5h30 da manhã e pegava o ônibus lotado vindo da cidade satélite de Ceilândia à 6h40 da manhã. Sempre chegava atrasada na aula pelo menos uns 20 minutos, mas como caloura, os professores me davam um desconto. Depois do terceiro semestre aprendi a não pegar aula às oito da manhã. Afinal, foi mais fácil assim, a realidade do transporte público do Distrito Federal não mudou desde aquela época até hoje.

O encontro com a universidade e com a educação me transfou intensamente. As experiências que vivenciei e as minhas reflexões mudaram minha visão de mundo de uma maneira extraordinária. Fizeram de mim uma mulher segura, certa das minhas escolhas, das escolhas das pessoas, conhecedora de diversas visões de mundo e consciente do meu lugar no mundo.

No primeiro semestre foi uma explosão de novidades. Comecei a ter disciplinas curriculares e não mais matérias da escola. As primeiras disciplinas que cursei foram Antropologia e Educação, Medidas Educacionais, Oficina Vivencial, Projeto 1 e Perspectivas do Desenvolvimento Humano. Quantos nomes diferentes. A cada aula que tinha, eu passava pelo menos uns 20 minutos conversando com o Professor depois da aula para tirar as dúvidas. Deixava a Faculdade de Educação

(FE), almoçava no Restaurante Universitário (RU) e corria para a Biblioteca Central da UnB (BCE) para pesquisar todos aqueles autores mencionados durante a aula. Tinha as mil e uma siglas que eu anotava para não esquecer e até hoje não devo saber de todas!

Duas disciplinas foram bem importantes naquele momento inicial. A primeira foi Oficina Vivencial, uma das melhores disciplinas da FE, sobretudo porque era acolhedora. Era como se fosse um refugio do medo que eu sentia em estar ali, sozinha, sem minha família, sem meus amigos da escola. Foi nessa disciplina que fiz os primeiros amigos da Faculdade, a começar pelo professor Armando, que sempre tinha um sorriso para doar.

A segunda foi Antropologia e Educação. O professor era um aluno do mestrado que estava ali exercendo pela primeira vez sua docência acadêmica. O trabalho do semestre inteiro foi passado logo na primeira aula: deveríamos escolher um tema polêmico para a sociedade, associá-lo com a educação e escrever um artigo. Eu optei pelo tema: Racismo na Escola. Em algumas conversas intelectuais com alguns colegas do curso, comentávamos que não tínhamos em nossa turma estudantes negros. Fui para casa com aquela reflexão na cabeça e logo me dei conta que não só na universidade, mas também na escola tinha essa ausência. Assim, optei por escrever sobre essa questão. Hoje, relendo esse artigo, percebo que foi uma escrita muito singela, pouco acadêmica talvez, mas importante, pois me fez refletir sobre uma realidade nunca sentida por mim, sendo eu uma mulher branca.

As aulas de Antropologia e Educação aconteciam no Pavilhão João Calmon (PJC) e, em uma de nossas aulas, houve uma situação de homofobia. Um aluno da nossa turma foi utilizar o banheiro para trocar de roupa, pois naquele dia ele apresentaria um trabalho travestido de mulher, e o segurança do campus barrou sua entrada alegando que homossexuais não poderiam utilizar aquele espaço. O professor logo interviu na situação, assim como todos da turma. Não acompanhei o fim dessa história, mas, a partir daquele momento, comecei a compreender que eu estava imersa em um lugar de muitos preconceitos, assim como os já vivenciados por mim, porém naquele espaço eles já não se silenciavam.

Logo me coloquei no lugar daquelas pessoas e uma importante reflexão surgiu: será que vou aprender na universidade a não mais me silenciar diante do preconceito estético que chamo de “gordofobia” e que sofro desde que me encontrei com a escola? A diferença que sempre me acompanhou estava novamente comigo. Eu estava certa, foi na universidade que aprendi a dar voz a mim mesma.

Para a minha surpresa, o primeiro semestre havia acabado. Eu me sentia mais segura, embora não esquecesse o medo das mudanças, que felizmente não me parou, contudo me faz caminhar a passos firmes e seguros.

No segundo semestre, eu conheci uma das professoras mais bacanas da Faculdade, Vera Catalão. A disciplina de Fundamentos da Educação Ambiental me apresentou uma perspectiva que eu nunca havia parado para pensar: o mundo, a terra, o ambiente, a natureza são importantes e devemos preservá-los. Nessa época, conheci autores como Edgar Morin, Florestan Fernandes e tantos outros que se propuseram a pensar a educação e a sustentabilidade.

Sanchs (2000) nos alerta para a necessidade do desenvolvimento sustentável para a preservação da vida humana:

O respeito à diversidade da natureza e a responsabilidade de conservar essa diversidade definem o desenvolvimento sustentável como um ideal ético. A partir da ética do respeito à diversidade do fluxo da natureza, emana o respeito à diversidade de culturas e de sustentação da vida, base não apenas da sustentabilidade, mas também da igualdade e justiça. (Kothari, 1995:285) (SANCHS, 2000, p. 67)

Da Silva (2012) elabora uma reflexão sobre a concepção de sustentabilidade da qual me aproprio no sentido de pensar as nossas relações com o mundo e com a natureza de maneira mais solidária e coletiva, contrapondo a lógica do consumo e exageiros do sistema capitalista:

A concepção de *sustentabilidade do desenvolvimento* não significa um ajuste no modelo racional de desenvolvimento atual, já que no cerne da ideia de sustentabilidade está o princípio de solidariedade (MORIN, 2008b), o qual se antagoniza com o Princípio de Maximização do Ganho, de viés individualista e competitivo, característico do modelo de desenvolvimento capitalista (OLIVEIRA, 2006). (DA SILVA, 2012, p. 7).

A autora ainda traduz a ecologização do pensamento proposto por Edgar Morin, do que venha ser a “crise de sustentabilidade”:

Morin (2008b) chama a atenção para a dimensão complexa da crise de sustentabilidade, pois envolve aspectos interdependentes e interpenetrantes como o ecológico, político, social, humano, ético, moral, étnico e religioso, exigindo o entendimento de desenvolvimento para além do modelo racional de industrialização. Nesse sentido, o desenvolvimento perpassa pela compreensão de que os valores ocidentais de cidadania, solidariedade e de cooperação devem sobrepor-se aos interesses individualistas. (DA SILVA, 2012, p. 7-8).

O terceiro e quarto semestre de Curso foram muito importantes para mim, contribuíram para mudar minha visão de mundo e comecei a entender a educação como possibilidade de mudança, e o desejo pela docência se consolidou.

Nesse período, eu conheci a Professora Maria Luiza Angelim, que me ensinou sobre Didática e Educação de Jovens e Adultos. Foi a primeira turma que começava às 10h e terminava institucionalmente às 12h, mas que todos(as) ficavam até uma ou duas horas depois dialogando. Foi nessa oportunidade que meu contato com Paulo Freire se estreitou. *Pedagogia da Autonomia: Medo e Ousadia; Educação como Prática de Liberdade e Pedagogia do Oprimido* são até hoje meus livros de cabeceira. Não me esqueço do trabalho que fiz nessa aula, o meu primeiro Plano de Aula Anual. Muitos colegas assustados perguntaram: “Professora, mas temos que fazer o Plano de Aula de todas as matérias das séries iniciais, o planejamento do ano inteiro?” Sabiamente, Angelim nos respondeu: “Sim, esse foi o desafio ao qual vocês se comprometeram: a educação”. Vocês estão aqui para serem professores e educadores essa é uma atividade que, ao optarem pela sala de aula, terão que desenvolver.

A partir daí eu comecei a me envolver cada dia mais e mais com o curso, com a universidade e com as reflexões que fizera até ali. Outra disciplina desse período foi a Sociologia da Educação, na qual comecei a entender a educação como um processo social. Conheci uma “moçada” envolvente como Gramsci, Walter Benjamin, Adorno, Durkheim e Illich, em sua obra *Sociedade sem Escola*, e revisei uma galera já conhecida como Marx, Engels e Weber. As aulas eram maravilhosas, saía com a cabeça cheia de pensamentos eufóricos e sedentos por mudanças.

Já me sentia completamente envolvida pela educação e o desejo pelo conhecimento me fez buscar novas possibilidades, conversando com a Ana Luiza, (aquela minha amiga coordenadora e companheira de Taguá) ela me apresentou o

Programa de Educação Tutorial (PET) do qual ela participava. Naquele semestre haveria uma seleção para bolsista e isso me pareceu perfeito, pois conseguiria alcançar dois objetivos: me manter financeiramente na universidade (nessa altura já com bolsa alimentação) e me aprofundar nas discussões sobre a educação. Fiz a seleção, escrevi um projeto sobre o racismo na escola oriundo daquele primeiro trabalho em Antropologia. Fui chamada para a entrevista e três dias depois recebi a notícia de havia passado.

Permaneci no PET por um ano e meio. Foram momentos incríveis e de aprendizados profundos. Particpei de muitos Congressos e Seminários em outros estados e aprendi muito. Fiz amigos que se pudesse os manteria até hoje perto de mim. Foi nessa oportunidade que tive a compreensão das diversas áreas de atuação como Pedagoga. Afirmo isso porque no PET, apesar dos projetos e pesquisas coletivas, cada um desenvolvia suas pesquisas individuais. Havia quem trabalhasse com extensão universitária, educação popular, educação do campo, gestão pública da educação, educação especial e educação para as relações raciais.

No PET, tínhamos a tutoria de uma professora. Foi então que me encontrei com a querida e eterna orientadora Eliane Cavalleiro, autora de produções que utilizei para fundamentar meu artigo no primeiro semestre sobre o Racismo na Escola. Com a Eliane, aprendi que a titulação de doutor não vale mais que a afetividade. Nos estudos sobre racismo e educação, entendi que o racismo é da minha conta, compreendi a posição privilegiada que ocupo na sociedade por ser uma mulher branca, iniciei um processo de desconstrução dos meus preconceitos e entendi como a escola necessita de um olhar sensível ao outro, seja ele quem for, como reflete Botelho (2005):

Pensar a diversidade étnico-racial na área educacional é possibilitar inclusões, respeitos, conteúdos e solidariedades às crianças e jovens que carregam o estigma da diferença, seja pela sua cor de pele, seja pela sua religiosidade, seja pela sua orientação sexual, seja pelo seu grupo étnico ou apenas por serem diferentes daquilo que é considerado o ideal ou padrão. É, principalmente, buscar caminhos de emancipação para os excluídos (as). (BOTELHO, 2005, p. 107)

Da relação com a Eliane e com os estudantes do PET, comecei a realizar as etapas dos Projetos 3. Fiz as duas primeiras fases com a Eliane e a terceira com a Professora Denise Botelho, também pesquisadora da área de educação e relações raciais.

Nesse mesmo período a Reitoria da UnB foi ocupada pelos estudantes em protesto a gestão do então reitor Timothy. Não fiquei acompanhada na reitoria, mas acompanhei muito de perto todas as assembleias e ações de apoio aos estudantes ocupantes. Foi um momento histórico para a UnB e principalmente para os estudantes que reafirmaram suas lutas e poder de emancipação. A Professora Angelim protagonizou diversas rodas de conversas naquele espaço. Foi incrível!

Naquele ano, em uma conversa com a Professora Eliane Cavaleiro sobre intercâmbio, ela me dizia que eu tinha que correr atrás da oportunidade de estudar em outra universidade, que eu era muito jovem e não tinha nada que me prendesse por aqui. Aquela conversa não saiu da minha cabeça. Foi então que comecei a pensar na possibilidade de realizar um intercâmbio acadêmico. Para a minha sorte ou destino, naquele semestre (1º/2008) a Assessoria de Assuntos Internacionais (INT) da UnB lançou um edital para bolsa de estudos em diversas universidades europeias pelo período de seis meses com absolutamente tudo pago. Não pensei duas vezes, fui até a INT e solicitei os formulários de participação e decidi não contar a ninguém, nem ao meu pai e nem à minha mãe. Contei apenas à Eliane, pois um dos requisitos era uma carta de recomendações de um professor da faculdade. Candidatei-me para a Universidade de Coimbra, em Portugal. Dois motivos me levaram a optar pelas terras portuguesas: a facilidade da língua estrangeira e por influência de um vizinho português que desde criança me contava mil e uma histórias daquele país que se tornaria para mim um dos meus lugares de memória.

Realizei todas as etapas da seleção e corri atrás de toda documentação sozinha. Eu estava confiante, desejei muito essa oportunidade. Mesmo com muitas pessoas concorrendo e apenas uma vaga eu acreditei que conseguiria. Até o dia em que saiu o resultado, eu repetia para mim mesma: você vai conseguir. Minha mãe sempre me ensinou que as palavras tem o poder, me segurei nesse ensinamento e segui em frente. Tanto acreditei que consegui, recebi em uma tarde ensolarada na UnB a notícia que havia passado na seleção e conquistado a única vaga para o intercâmbio.

Lembro-me de ter saído correndo para casa e contado para minha família. Meu pai ficou calado e começou a chorar. Minha mãe fez a seguinte pergunta:

“minha filha você vai ter coragem de ir?”. A resposta veio imediata: “claro que sim, mãe, eu vou”. Minha irmã e meu irmão eram só felicidade, diziam que eu iria realizar meu grande sonho de conhecer o mundo.

O ano era 2008, fiz a seleção logo no primeiro semestre e embarcaria para essa aventura no segundo semestre de 2009 eu ficaria em terras portuguesas de setembro de 2009 até fevereiro de 2010. Mesmo faltando quase um ano para esse sonho se concretizar, resolvi deixar todas as documentações necessárias prontas. Nessa etapa de correr atrás de documentação na UnB, inúmeros *e-mails* para a Universidade de Coimbra solicitando minha carta de aceite, idas e vindas à Embaixada de Portugal e ao Ministério das Relações Exteriores tive a ajuda da melhor mãe do mundo: a Dona Zilda. Se hoje minha mãe conhece cada canto de Brasília foi graças a essas idas e vindas.

Para a minha surpresa, a Universidade de Coimbra, ao contrário das outras Universidades Europeias, solicitou à UnB que adiantasse o processo de ida dos estudantes selecionados. Fui para Portugal em fevereiro de 2009 e voltei para o Brasil em agosto do mesmo ano.

Foi uma conquista muito importante para minha vida. Em Coimbra, aprendi a estar sozinha. Conheci pessoas de diversos lugares do mundo e do Brasil. Fiz muitos amigos os quais reencontro todos os anos. Visitei lugares que antes só conhecia dos livros de História: França, Amsterdam, Inglaterra, Bélgica, Itália, Irlanda, Portugal e Espanha. Costumo dizer que o aprendizado acadêmico foi coadjuvante nesse processo de mergulho no mundo.

Ao voltar para o Brasil, depois de uma vivência tão intensa, estava cheia de saudades, mas com vontade de conhecer mais o mundo. Mas o destino veio mais uma vez e me pregou uma peça. Em agosto de 2009, eu e minha família descobrimos que meu pai estava com um câncer terminal. Foi então que tive a noção de que nada nessa vida acontece por acaso, o intercâmbio não mudou de data por motivo algum, acredito que o destino foi até legal comigo me permitindo viver dois momentos extremos na minha vida: a felicidade pelo intercâmbio e a tristeza da perda do meu querido pai.

O segundo semestre de 2009 foi muito difícil. Mas mesmo assim quis cursar as aulas de verão, pois não aguentaria ficar em casa o dia todo nas férias e ver o meu pai morrendo aos poucos. Foi mesmo uma fuga. E fugi dessa morte até no dia que não pude mais evitar e nos encontramos. Posso afirmar que foi a maior dor que senti até hoje. Costumo dizer que foi a primeira vez que senti o amor. Foi inexplicável, perder meu pai me deu a dimensão do quanto eu o amava.

No início desse processo de perda eu fui muito forte. Cursei as aulas de verão e toquei minha vida. Mas aquele foi o Natal e Ano Novo mais intenso e cheio de emoção da minha vida. No dia 6 de Janeiro de 2010, ele morreu. No dia da sua morte eu fui a pessoa mais fria possível, bem diferente da Luciana que vocês estão conhecendo nesse trabalho. Acompanhei todo o processo burocrático e ritualístico que a morte nos impunha, poupei minha mãe de qualquer ação, fiz o que pude para que ela não sofresse tanto, mas me esqueci de sofrer e viver meu luto.

Permaneci forte por um ano. Retomei as aulas e segui em frente. Em 2010, conheci a Professora Ana Abreu na disciplina de Ensino de História, Identidade e Cidadania. Foi muito prazeroso estudar ensino de história com a Ana Abreu, pela primeira vez eu havia encontrado alguém que tinha as mesmas ideias que eu. Identifiquei-me muito com toda a proposta da aula, novas formas de ensinar História, propostas inovadoras que me fizeram acreditar que eu também era uma pessoa Histórica. Foi nessa época que minha paixão pelo ensino de História começou a crescer. Outro bom encontro em 2010 foi com a disciplina de Educação em Geografia. Mas vamos deixar essa prosa para o próximo capítulo, pois foram disciplinas determinantes para a realização desse trabalho.

Do Projeto 3, iniciado antes do período de intercâmbio, fui convidada pela Professora Denise Botelho a participar do grupo de pesquisa em Gênero, Raça e Juventude (GERAJU) no eixo temático “Raça”, o qual coordenava. O eixo temático Gênero e Juventude eram coordenados pela Professora Wivian Weller, foi nessa oportunidade que a conheci. A relação com a Denise é ainda hoje muito maior do que a de professora-estudante, nos tornamos amigas, quanto colo ela já me deu e quantas lágrimas já chorou comigo.

O GERAJU foi uma experiência incrível. Amadureci minha habilidade de pesquisadora nessa época. O grupo era formado em sua maioria por estudantes da

pós-graduação. Mas, ao contrário da relação distante entre a graduação e a pós-graduação da FE, nós formamos um grupo de pesquisa unido e muito comprometido. Além das pesquisas e estudos, realizamos diversos seminários para a comunidade acadêmica, nessa experiência conheci o Departamento de Pesquisa da Pós-graduação (DPP), o financiador de muitas ações do grupo.

Foi com o GERAJU que comecei a refletir sobre a questão da identidade. No que eu queria ser e quais eram as minhas vontades. Os estudos com o grupo me levaram a pesquisar a respeito das relações raciais e das relações de gênero; e nesse universo desconstruí os meus preconceitos. Conheci mulheres negras lindas, livres, emancipadas, donas dos seus corpos, donas das suas identidades negras, donas dos seus cabelos crespos. Mulheres com discurso afinado contra qualquer preconceito e discriminação que pudessem ser ofertada a elas. E foi com elas que aprendi a ser dona das minhas escolhas, a me aceitar, a constituir minha identidade enquanto mulher e a ser consciente do meu lugar de privilégio, sendo eu uma pessoa branca e, vale dizer, a cada dia mais livre de quaisquer atitudes preconceituosas e racistas.

Em 2011, conheci a Professora Helena Freitas, na disciplina de Educação do Campo. E como era prazeroso acordar às às 7h em um sábado para estudar e vivenciar os mil e um lugares e pessoas incríveis que tive o prazer de conhecer nessa aula. Eu já havia tido contato com essa área de conhecimento da Pedagogia por meio do Marquinho, um dos amigos do PET e pesquisador da área. Ele sempre falava com entusiasmo da Educação do Campo. Nessas trocas de ideias com Marquinho, quis me aprofundar no tema.

A Professora Helena é mais uma daquelas pessoas que eu insisto em dizer que me fizeram crer que a afetividade é possível na academia. Com Helena, visitei vários acampamentos e assentamentos do MST, não íamos simplesmente como pesquisadores com desejo pelo estudo para alimentar a vaidade intelectual. Muitas vivências aconteceram em rodas de conversas e eu mais escutava do que falava. É uma realidade muito distante da minha, conhecer todas aquelas pessoas, a história de vida delas, a consciência do coletivo e do outro que elas me ensinaram é gratificante.

Batista (2007) reflete sobre a realidade dos povos do campo:

Os povos oprimidos, os trabalhos do campo e da cidade tem uma tradição de luta e de resistência às situações de opressão que marcam as relações sociais na formação brasileira. Os movimentos sociais como ações coletivas que aglutinam sujeitos sociais em torno da luta por objetivos comuns, que formam identidades coletivas unificando as múltiplas identidades individuais, formam um “nós”, ou seja, constroem identidades coletivas que adquirem sentido pelo compartilhamento de interesses comuns. (BATISTA, 2007, p.170).

O ano de 2011 foi muito difícil para mim, o luto pela morte do meu pai estava me pedindo socorro. Fiz minha matrícula no primeiro semestre daquele ano no Projeto 4 (estágio supervisionado) com a Professora Helena. Foi um tempo bom, desenvolvemos um grupo de pesquisa em Educação do Campo e Educação Quilombola, e todo o estágio foi desenvolvido a partir da vivência na Comunidade Quilombola Mesquista e na escola pública inserida no Mesquita. Foi um trabalho muito intenso. Helena e eu construímos boas relações e reflexões com toda a comunidade. Conhecemos as tradições, a cultura e as dificuldades da comunidade. Levo grandes aprendizados e principalmente a consciência do poder que terra e a territorialidade têm nas relações socioeconômicas. Essa dimensão da terra como espaço de vida é discutida por Batista (2007):

Para os sujeitos sociais e os movimentos sociais do campo, a terra significa espaço de vida, de produção, de cultura. Para os que dela dependem e a pensam como espaço de vida, de identidade, ela tem múltiplos significados. É dada, ela é o território onde eles deitam suas raízes culturais, que dá sentido à vida, é fonte de vida, é vista como mãe; com ela, eles tem uma relação maternal. (BATISTA, 2007, p. 171).

E ainda:

A terra como espaço vital é um território que assume dimensões sociais, econômicas, culturais, subjetivas, simbólicas. Os territórios são reivindicados, contestados, e passam a assumir novas configurações. De espaço de relações de poder e de força, do cativo da terra eles passam a assumir outras formas que lhes conferem os sujeitos que ocupam, que passam a viver a terra dando-lhe outros significados, novas territorialidades. (BATISTA, 2007, p. 171).

No segundo semestre de 2011, a fortaleza se quebrou. Comecei a viver o luto atrasado pela morte do meu pai. Foi então que abandonei o meu grande sonho, a universidade, pelo simples fato de não ter vontade de viver. Eu até cheguei a realizar a matrícula, mas precisei parar.

O sentimento de perda tomou conta da minha vida. O tempo se passava eu não tinha vontade de fazer absolutamente nada. Ficava em casa todos os dias, trancada no quarto chorando. Eu questioneei Deus e o mundo inteiro. Perguntava-me

“por que logo o meu pai?”. Agora que estou finalizando a universidade, realizando o sonho que almejamos juntos e ele não está aqui comigo. Refletia dias e dias sobre o porquê da vida. O meu sentimento era de que a vida havia feito uma bela sacanagem comigo, então, deveria ignorá-la.

A consciência da depressão veio tarde. Eu negava e não queria admitir que eu precisava de ajuda. A Professora Helena me chamou para uma reunião e me disse sabiamente: “Lu, se permita viver esse luto, procure a secretaria, faça o tracamento das disciplinas e procure ajuda.” Naquela tarde, eu voltei para casa e chorei o dia inteiro.

O conselho da Helena foi uma verdade que mexeu na minha vaidade intelectual. Como admitir que houvesse falhado? Logo eu que nunca admitia fraquejar? Logo eu que trilhei caminhos tão seguros e comprometidos com a educação na universidade. Quanta prepotência. Hoje sei que posso e devo errar. Que não sou forte sempre e isso não me torna necessariamente uma pessoa fraca.

Desde aquela tarde eu passei quase um ano sem ter a coragem de pisar na universidade, o sentimento de não pertencimento tomou conta de mim, me sentia a pessoa mais burra e fraca do mundo. Foi um momento de negação. Não consegui ir à secretaria trancar o semestre e tão pouco ir até a Biblioteca Central devolver os livros que havia pedido emprestado. Ainda hoje terei que pagar a multa pelo atrasado na entrega, caso contrário, o nada consta, requisito para o diploma, constará tudo, tudo mesmo!

As consequências começaram a chegar, o ano já estava acabando e 2012 chegou para trazer a luz. Era tempo de recomeçar. Nesse período de depressão, que durou quase um ano, as minhas atividades diárias se resumiam em: chorar, comer e dormir. Engordei quase 10 kg, sentia dores constantes no corpo e o coração parecia não mais existir. Até que um dia o carteiro deixou algumas cartas na caixa do correio lá de casa, levantei e fui buscar. Para minha surpresa, a UnB havia enviado uma carta comunicando a minha condição de desligamento da universidade, solicitando comparecimento urgente na Secretaria de Administração Acadêmica (SAA) da minha Faculdade.

O recomeço.

Nequele mesmo dia eu reuni a minha família e pedi ajuda. Aquela carta me chocou. Comecei a refletir sobre os caminhos que eu estava seguindo: como eu pude deixar isso acontecer comigo? Quantas conquistas estou deixando para trás. Sair da universidade é realmente o que eu quero? Meu pai estaria feliz com o que estou fazendo comigo? Foi então que me dei conta de que meu pai havia morrido e essa realidade não mudaria se eu acabasse com a minha vida.

É chegada a hora da colheita.

Inicei 2012 procurando tratamento psicológico e psiquiátrico. Comecei a terapia, que faço até hoje, e a tomar medicamentos. Felizmente comecei a retomar a minha vida. Voltei para a universidade e tive a sorte de encontrar pessoas tão acolhedoras como o Sr. Manoel e as professoras Patrícia Pederiva e Wivian Weller.

No primeiro dia do recomeço fui até a SAA e encontrei com o Sr. Manoel. O objetivo era apenas saber da minha situação na faculdade. Mas tive uma surpresa, conversamos por horas e naquele momento tive a certeza que a depressão não era só “privilégio” meu. Ele contou sua história de vida e eu nunca poderia imaginar que uma pessoa tão engajada no trabalho, sorridente e sempre com aspecto feliz compartilhasse comigo a dor e a tristeza da depressão. Nunca vou esquecer a força das palavras do Sr. Manoel, elas me ajudaram a recomeçar.

Com a Patrícia Pederiva eu conheci a Linguagem Musical na Educação. Ao contrário do que fiz com o Sr. Manoel, não contei da minha depressão, mantive certo afastamento afetivo, estava com medo, afinal era um recomeço e eu ainda achava que a universidade não era meu lugar. As aulas foram incríveis e a afetividade que eu estava rejeitando me pegou de jeito, primeiro pela suavidade da disciplina e segundo que, em cada aula, fazíamos um momento de interação, de um jeito ou de outro acabaria me rendendo e foi o que aconteceu. Envolvi-me cada vez mais na aula, participava ativamente, parecia uma caloura empolgada e foi naquele espaço que comecei a entender que aquele era meu lugar, meu lugar de memória.

Como trabalho final, a Professora Patrícia solicitou que realizássemos um Memorial Musical da nossa trajetória na disciplina. Então, escrevi e recitei o seguinte poema:

Samba aqui, samba ali, samba lá...

Cheguei acreditando lealmente que piano, violão e pandeiro é que eram musicais.
 Desconstruindo, aprendi que cadeira, corpo e papel é que eram legais.
 Copo com água, um fino copo com água também já é.
 Um tubo de cola, de tinta de escola, de Pepsi Cola também já é.
 As garrafas, ah, as garrafas, parecem um infinito de melódicos poéticos e já é.
 Aprendi que recomeçar é possível e vale a pena. Mesmo que seja a duras penas.
 Reaprendi o que é música. Um lírico silêncio já é.
 Conheci várias pessoas em um tipo de roda girante de conversas, e que excitante.
 Falei de mim, falei do samba que mora em mim.
 Falei do clássico que já teve morada em mim.
 Do acalanto, que a música, que o batuque, a cuíca e o pandeiro trazem pra mim.
 Da tristeza cantada em ritmo de alegria. E que alegria é ver minha escola passar.
 Escola de bamba, de gentis e de samba. E foi nesse batuque todo que a luta chegou.
 Começaram momentos de resistência, distintos por assembléias e conversas caducas.
 A volta à roda girante de conversas chegou, marcada por reencontros saudosos.
 Ou mesmo a vontade, a simples vontade de terminar mais uma etapa da música da vida.
 E chegou o dia dos grandes dias. Reunimos artigos, saberes, velas, lençóis e arvoredos.
 Falamos! Não mais falei, mas falamos, tudo se reafirmou em grandes trocas e enredos.
 Então aprendemos, que as crianças, as doces purezas, sabem muito do que é música.
 E chegamos ao fim, ele sempre me pareceu uma sacanagem.
 Quando estive muito bom o fim chegou e disse: recomece!
 Recomece sabendo que todos e todas são importantes.
 Que o conhecimento experimental é importante.
 Que compartilhar é nossa energia e é importante.
 Que quebrar a institucionalização instrumental é importante.
 Assim, descobrindo que sabemos fazer música foi que o trem apitou indicando sua partida.
 Mas não antes de lembrar a todos e todas nós que relembrar é importante.

Finalizadas as apresentações fizemos um momento de confraternização e avaliação da disciplina. Eu já estava saindo da sala quando a professora pediu que esperasse, pois gostaria de conversar comigo. Ela segurou as minhas mãos junto às dela, me olhou fundo nos olhos e disse: você têm uma sensibilidade incrível e já está conseguindo recomeçar, siga firme e não desista; ela me deu um beijo, um abraço e sorriu.

A sensibilidade eu dedico toda a ela, que mesmo sem eu expor a situação a qual vivia, me acolheu da maneira que eu mais precisava. Eu fui embora daquela

aula com a certeza de que chegaria no momento de hoje, finalizando a minha passagem por este caminho: a graduação.

Nesse retorno tive o privilégio de conhecer o trabalho da Professora Wivian Weller com Gênero e Educação. Fui recebida com muito carinho, e para minha surpresa ela se recordou dos nossos encontros no GERAJU. Estudando as relações de gênero consegui ter maior consciência do que é ser mulher em uma sociedade extremamente machista. Foram discursões muito enriquecedoras, durante as aulas os estudantes participavam muito e a cada seminário apresentado a turma se envolvia cada vez mais. Essa é uma disciplina que eu gostaria de ver inserida no currículo obrigatório da pedagogia.

No segundo semestre de 2012 já me sentia melhor, não fazia mais o uso de medicamentos para a depressão e seguia apenas com as terapias. Lá na disciplina de Ensino de História e Cidadania ouvi falar de um tal Professor Antônio Fávero que ofertava uma disciplina optativa chamada Oficina de Ensino de História – Lugares De Memória do DF. Durante os semestres na faculdade sempre tentava me matricular nessa aula, mas, devido aos diversos projetos que me envolvia e as demandas do trabalho, nunca havia efetivado a matrícula. Naquele ano, o destino resolveu colaborar e consegui participar das aulas. Mas deixarei essa memória para o próximo capítulo.

Nesse ano de 2013, estou amadurecendo a ideia de que é chegada a hora da passagem, mesmo que o sentimento de saudade já tome conta de mim. Último ano na universidade como estudante de graduação do Curso de Pedagogia. Esse fechamento merece todo esse drama, afinal de contas, foi uma relação intensa.

Finalizadas todas as disciplinas curriculares obrigatórias, mesmo que não concorde com muitas delas, posição afinada nas diversas reuniões e encontros sobre o currículo do curso junto ao PET e ao Centro Acadêmico Pedagogia do Oprimino (Cape), consegui escolher algumas disciplinas optativas para cursar.

Dessas escolhas, tive a oportunidade de estudar a respeito da relação entre a Educação e as Tecnologias nas disciplinas de Uso de TV e Vídeo na escola, Educação a Distância e Fundamentos da Arte na Educação.

Em *Uso de TV e Vídeo na Escola*, aprofundei minha crítica à televisão brasileira. Fizemos uma análise dos programas educativos, infantis e aqueles que não têm a função ou a pretensão educativa, mas que são boas oportunidades de aprendizagem na sala de aula. Além disso, aprendi que o uso de TV e vídeo na sala de aula pode ser uma boa alternativa para a aprendizagem.

As disciplinas de Educação a Distância (EaD) e Fundamentos da Arte na Educação chegaram em um momento muito oportuno, pois ambas aprofundaram-se em temas como o papel do professor-tutor, a história da educação a distância no Brasil, a ciberarte e o direito aos *softwares* livres. Defino como oportuno, pois, ao voltar para universidade em 2012, comecei a trabalhar em uma empresa de educação corporativa que utiliza a EaD como proposta pedagógica no desenvolvimento das capacitações e treinamentos. Atualmente, trabalho nessa empresa e realizo toda a gestão dos cursos a distância.

As experiências profissionais que desenvolvi ao longo da minha trajetória na universidade foram diversas, algumas frustrantes e outras muito boas. Desde a época de estudante dos ensinos fundamental e médio fui aluna bolsista e sempre tive o auxílio financeiro da minha família, tios e tias para os estudos. Além de realizar alguns “bicos”, como trabalhar na papelaria do meu tio para pagar o material escolar, vender docinhos de festa, encapar os livros dos colegas e ajudá-los a estudar para as provas da escola. Não fiquei rica com nenhuma dessas atividades, mas dava para pagar o ônibus e o lanche da escola. Na universidade não foi diferente. Logo no primeiro semestre tivemos uma palestra do Centro Acadêmico sobre os auxílios socioeconômicos da UnB. Fui atrás de todos, desde passe estudantil a bolsa alimentação e permanência. Outro recurso que me ajudou a me manter financeiramente na universidade foram as inúmeras aplicações de provas pelo Centro de Seleção e de Promoção de Eventos (CESPE), como diria uma amiga: coleciono comprovantes de Fiscal e Chefe de Sala, de todas as cores. Talvez lá no futuro isso me renda bons frutos, ao menos iniciei o recolhimento do INSS nessa oportunidade.

Na universidade também fiz vários “bicos”, transcrevi várias entrevistas e fiz parte da organização de vários eventos acadêmicos (congressos, seminários e palestras). O PET e a Iniciação Científica também me rendiam uma bolsa auxílio,

além de muito conhecimento, encarava-os com muita seriedade e dedicação. Ainda na UnB, trabalhei com a Professora Eliane Cavalleiro na Associação Nacional dos Pesquisadores Negros. Sem dúvida, foi a melhor experiência profissional que vivenciei. Conheci vários pesquisadores dos quais eu devorei e ainda devoro os livros e compartilho reflexões, como a Nilma Lino Gomes, o Kabengele Munanga e o Boaventura de Sousa Santos.

Fora da Universidade as experiências foram duras. Trabalhei como estagiária na coordenação pedagógica de uma empresa de reforço escolar. Posso afirmar que a única parte boa desse trabalho foi perceber o que eu não quero como Pedagoga. A exploração ao trabalho acontecia todos os dias, não fui apenas uma estagiária, diariamente eu tinha que elaborar uma média de cem relatórios sobre as aulas particulares desenvolvidas pelos professores. Funcionava da seguinte maneira: por meio de um sistema, tínhamos um banco de professores cadastrados e outro banco de estudantes solicitando aulas particulares, fazíamos os encaixes e avisávamos aos professores o local da sua aula. Após a aula ministrada, o professor redigia uma avaliação, enviava pelo sistema. Nós, as coordenadoras, escrevíamos um *feedback* para o professor e outro para os pais do aluno. Mas, nesse cenário, não conhecíamos nem o professor, nem o aluno e muito menos o pai e a mãe dele. Avaliávamos sem conhecer ninguém.

No início, eu não questionava essa prática, precisava do dinheiro que me pagavam e fui levando até que não aguentei e deixei esse trabalho. Fiz questão de dizer aos “empresários” o motivo da minha saída, não poderia continuar a realizar um trabalho do qual não acredito. A reação da empresa foi a pior possível, pois, nessa reunião, a minha chefe abriu a porta do escritório e disse em alto e bom tom: “saia da minha empresa, vá montar a sua com os seus ideias. Essa aqui é minha e quem decide o que é bom ou ruim sou eu”. Foi uma lástima, chorei muito, fiquei assustada com a realidade profissional que vivi.

Depois dessa experiência traumática, fiquei um bom tempo sem trabalhar, até porque a minha saída dessa empresa foi logo depois da morte do meu pai e também da depressão. Como já relatei, a outra experiência profissional que tive foi com a educação corporativa, que também está longe das minhas perspectivas profissionais, mas felizmente a educação a distância ameniza as inquietações e

tenho conseguido desenvolver meu trabalho de acordo com meus ideais pedagógicos, uma educação afetiva, humanizada, libertadora e coletiva.

Como tutora de cursos em EaD, vivenciei uma das experiências mais intensas profissionalmente. Enviei uma mensagem aos meus alunos para lembrá-los das entregas dos trabalhos e junto compartilhei o texto *Sorria*, de Charles Chaplin. Dias depois um dos meus alunos me enviou um *e-mail* pessoal, relatando que aquela mensagem havia feito ele feliz na tarde em que leu, pois estava no hospital em uma de suas sessões de quimioterapia junto com várias outras pessoas e resolveu ler o texto em voz alta para que todos escutassem. Ele disse que a comossão foi geral, a emoção tomou conta daquela tarde. No *e-mail*, ele me agradeceu e disse que nunca pensou que se sentiria tão acolhido em um curso a distância. Guardo com carinho esse *e-mail* até hoje.

Aquela situação mexeu muito comigo tanto pessoal quanto profissionalmente. Digo pessoal porque a minha relação com esse tal de “câncer” é dolorosa e mesmo hoje já recuperada da ausência do meu pai, a tristeza não foi embora tenho apenas aprendido a conviver com ela e deixado a alegria vir junto; e profissional pelo reconhecimento do meu trabalho. Pela certeza que estou no caminho certo e que meu sonho de que a educação é um caminho para a mudança e para a transformação é possível, mesmo que para alguns seja utópico.

CAPÍTULO 3: A BUSCA PELOS MEUS LUGARES DE MEMÓRIA

Memórias da experiência como estudante de História: a descoberta do papel do museu como abordagem de ensino.

Acredito que a história, em todas as suas dimensões, é essencialmente formativa. Assim, seu ensino, os sujeitos, os saberes, as práticas, as experiências didáticas têm uma enorme importância para a vida social, para a construção da democracia e de cidadania. (FONSECA, 2003)

A citação acima possibilitou as reflexões sobre meu encontro com o ensino de História e a descoberta do museu como abordagem de ensino.

Na condição de estudante de história do ensino fundamental e médio as aulas, no primeiro momento, eram muito excitantes, mas logo entediavam, principalmente quando tínhamos que decorar todas aquelas datas para a prova ou passar quase uma hora escutando a professora falar sem a chance de interagir.

Essas práticas tradicionais muitas vezes deixavam os alunos sonolentos. Era perceptível que não se interessavam pelos temas abordados e o modo como eram ensinados. A história como disciplina escolar parecia um universo distante, como se houvesse dois tipos de pessoas, as que fizeram história no Brasil e no mundo e todo o restante de reles mortais sem história alguma. Era como se não fossem seres históricos.

Dos professores de história que tive ao longo dos ensinamentos fundamental e médio, lembro apenas das aulas da Professora Jane, como já comentei no Capítulo 1. As aulas dela tinham alguns momentos em que nós estudantes participávamos, como trabalhos em grupos e pesquisas na biblioteca da escola. Essas eram as atividades mais diferentes que desenvolvíamos. Não consigo lembrar de ir a museus, monumentos históricos ou a lugares das cidades de Taguatinga e Brasília. Até porque não houve essa proposta nas aulas de história que foram ensinadas a mim.

Junto a essas memórias das minhas primeiras experiências com a disciplina de História surgiram alguns questionamentos. Mas, afinal, que História é essa que me fez aprender mais sobre a carta de Pedro Vaz de Caminha do que conhecer a história da minha cidade? Que me fez calejar os dedos das mãos escrevendo sobre todos os presidentes do Brasil? Que me fez acreditar, por um bom tempo, que a tão sonhada cidade “planejada”, Brasília, era perfeita e foi palco do maior “herói” do País, Juscelino Kubitschek (JK)?

Não desmerecendo o trabalho dos meus professores de História, mas não quero reproduzir heróis. Prefiro compartilhar as histórias das gentes, dos povos, das pessoas. Quero participar dessa história, se é a minha cidade, oras, é a minha história, a história da minha vizinha da esquina, da rua, das pessoas e dos lugares diversos. Quero agregar a minha história à história do Brasil e do mundo.

Na universidade quando optei pela docência, comecei a me questionar: como ensinar História sem que os estudantes durmam na minha aula? Esse questionamento me motivou a pensar como compartilhar a História enquanto disciplina escolar de maneira que as pessoas se identificassem e tivessem motivação para fazer parte desse aprendizado. Foi então que comecei a buscar algo diferente do que foi sempre ensinado a mim.

Durante minha trajetória na universidade, a relação com o ensino de História, felizmente, melhorou. O primeiro contato no contexto do curso de pedagogia aconteceu no Projeto 3, quando desenvolvi pesquisas sobre a educação e as relações raciais. Fizemos a análise de diversos livros didáticos de História adotados pelas escolas públicas e particulares do DF e também a análise de livros de literatura infanto-juvenil, por exemplo a obra *Sítio do Pica-pau Amarelo*, de Monteiro Lobato.

Nessa experiência, ficou evidente que o ensino de História, tanto o que aprendi na escola quanto o reproduzido nos livros analisados, predominou a omissão da história da África e da cultura africana e afrodescendente. A ressalva são os breves relatos a respeito de temas como a escravidão e tráfico de africanos nos navios negreiros.

Ainda discutindo as relações raciais na sala de aula e a ausência da história da África e das pessoas negras, durante a minha trajetória no PET, fizemos um minicurso na semana de extensão *Educação antirracista e antissexista na Educação Infantil e Ensino Fundamental*.

A primeira atividade proposta foi a análise de livros de História do ensino fundamental e de literatura infantil e infanto-juvenil. Foram selecionados livros que retratavam a figura da pessoa negra de maneira muito coerente com uma proposta antirracista e outros que reproduziam a lógica racista. O objetivo foi traçar uma discussão em cima desses dois olhares, fazendo com que as pessoas percebessem a ausência do povo negro nos livros e, principalmente, identificassem que há a produção de literatura antirracista e sua importância para a autoestima da criança e do adolescente negro.

Outra atividade desenvolvida foi a apresentação de palavras utilizadas na nossa língua materna que possuem origens em línguas africanas. O objetivo foi conhecer a cultura e história africana a partir da linguagem e identificar elementos da nossa cultura que se aproximam da cultura africana.

As atividades desenvolvidas no minicurso despertaram ainda mais meu interesse pela história e cultura africana e afro-brasileira. A partir dessa vivência, foi possível fazer uma releitura do que eu aprendi ou deixei de aprender sobre a África na escola; identificar a ausência da figura da pessoa negra nesse aprendizado e alterar a minha visão de mundo sobre o ensino de História e da história da África. Dessa forma, ficou perceptível que não só a minha história parecia irrelevante para a história do Brasil e do mundo, mas muitas outras, como a dos povos africanos.

Dessas inquietações pedagógicas sobre o ensino de História e da história da África, desenvolvi o jogo *Trilhas ao Griô*, elaborado para ser informativo e provocativo, tendo como tema central a África. No jogo, as pessoas negras são percebidas como sujeitos históricos que interferiram, conscientemente, nos rumos de suas vidas. O objetivo principal do *Trilhas ao Griô* é disseminar diferentes olhares sobre a História e Cultura da África e Afro-Brasileira.

O nome do jogo faz alusão aos *Griôs*, que na cultura africana são contadores de histórias fundamentais para a permanência da humanidade; são como um acervo vivo de um povo. Eles carregam nos seus corpos histórias, lendas, feitos, canções, lições de vida de toda a população, envoltos em uma magia própria, específica dos que encantam com o corpo e com sua oralidade. (BRANDÃO, 2006 p.36).

No *Trilhas ao Griô*, busquei apresentar os aspectos da história e da cultura afro-brasileira e africana, começando a explicar o nome de jogo e assim já compartilhar o que são os *Griôs*. Desse modo, são desmistificados os conceitos como preconceito racial, racismo, discriminação racial, democracia racial; são apresentadas as palavras do nosso dia a dia com origem nos falares herdados da mãe África; além de ser possível conhecer a arte literária e musical africana assim como Personalidades Negras.

A experiência de trabalhar o racismo na escola com uma atividade lúdica, o jogo, me aproximou ainda mais do ensino de História. Como indica Schmidt (2004), um ponto importante no ensino da História concerne à articulação da história individual do aluno com a história coletiva de grupos, classes e sociedades. Assim, busquei, a partir da história coletiva, no caso, dos *Griôs*, fazer com que os estudantes se identificassem e reconhecessem que suas histórias individuais se assemelham a história dos *Griôs*, em que a história é feita por todos.

Na disciplina de Educação do Campo com a Professora Helena Freitas, de quem já falei neste trabalho, aprofundei meus estudos sobre a História das pessoas negras, da História Oral e do conceito de território enquanto espaço de vida. A proposta da disciplina foi de apresentar a Educação do Campo a partir das lutas e resistência dos povos do campo e que estão diretamente ligados aos movimentos sociais, como o Movimento dos Sem Terras (MST). Nessa perspectiva, surgiu uma oportunidade de ampliarmos a discussão do campo e realizar uma visita na Comunidade Quilombola Mesquita.

No Quilombo Mesquita conheci várias pessoas *Griôs* que compartilharam suas histórias de luta e resistência dentro da comunidade, bem como suas tradições e cultura.

Os mais velhos e mais velhas da Comunidade Quilombola Mesquita contam que a formação do território quilombola soma mais de 150 anos com uma população de maioria negra, e contempla descendentes dos escravos trazidos na época da mineração para a antiga cidade de Santa Luzia, hoje, Luziânia. Os negros foram os primeiros moradores do povoado do Mesquita em uma região fortemente atingida pela escravidão. Segundo os relatos dos moradores, esse território quilombola foi

doado há três negras forras que receberam as terras das mãos de seu antigo senhor, um tal “Mesquita”, e, lá, fixaram suas famílias.

Outra história compartilhada pela comunidade foi a inserção da educação escolar naquele espaço. Eles contam que se concebeu por iniciativa da própria comunidade, e as aulas aconteciam nas casas de alguns moradores, como na casa do Sr. Aleixo Pereira Braga, o qual reunia as crianças e adolescentes da comunidade para compartilhar seus conhecimentos. No ano de 1976, o Sr. Aleixo conseguiu fundar a Escola Municipal Aleixo Pereira Braga I em um espaço próprio. Atualmente, a Escola Municipal Aleixo Pereira Braga I está situada na comunidade quilombola Mesquita, no município de Cidade Ocidental, em Goiás.

Durante a experiência no Quilombo Mesquita, percebeu-se que o trabalho com a oralidade seria o caminho mais oportuno. A cada visita inicial, conhecíamos as pessoas e cada uma delas contava as histórias com muita propriedade. Assim, optou-se pela história oral como metodologia de pesquisa, como apresenta Schmidt:

O trabalho com a história oral diz respeito, sobretudo, a uma metodologia de pesquisa que se baseia em fontes orais. Essas fontes registram a experiência vivida, o depoimento de um indivíduo ou de vários de uma mesma coletividade. (SCHMIDT, 2004, p.126.)

Nessa pesquisa utilizou-se tanto a modalidade de história oral de vida quanto à de depoimentos orais.

De acordo com Schmidt a história oral de vida:

[...] constitui-se de vários tipos de relato dos sujeitos históricos, acerca da própria existência, pelos quais se podem conhecer suas relações com seu grupo de pertencimento, de profissão, de classe e de sociedade em que vive, instituindo-se como importantes memórias sobre o passado. (SCHMIDT, 2004, p.126.)

E os depoimentos orais são:

[...] próprios para a obtenção de dados informativos e factuais, bem como testemunhos de entrevistados sobre determinadas situações vivenciadas por estes. (SCHMIDT, 2004, p. 126.)

Além da pesquisa na própria comunidade, foi articulado um trabalho na escola, quando foi possível identificar certo distanciamento das crianças com a história da comunidade. Foi então que, com as professoras de História da escola, propomos uma atividade com a história oral a partir do ensino de História, onde as crianças fariam entrevistas com pessoas da comunidade, utilizando a história oral

dos mais velhos e mais velhas e das famílias. A atividade despertou o interesse das crianças sobre a história do quilombo e resgatou as tradições, como indica Sitton, Mehaffy e Davis:

A história oral aproveita a motivação pessoal para o estudo da História, na medida em que permite ao aluno participar de uma investigação válida dentro do seu próprio grupo familiar, étnico e local. Ao fazer isso, o projeto de história oral fortalece a identificação do aluno com suas tradições e valorizações próprias. (SITTON, MEHAFFY e DAVIS, apud SCHMIDT, 2004, p. 131)

Dos estudos realizados no Quilombo Mesquita com o ensino de História e a história oral e dos diálogos e reflexões com a autora Schmidt feitos na disciplina de Ensino de História, com a Professora Ana Lúcia Abreu, me aproximei do estudo da história local.

Escutar todos aqueles depoimentos orais sobre a história do quilombo e integrar à reflexão sobre o território enquanto espaço de vida e a história do local e todas as suas implicações políticas, econômicas e sociais me fez compreender o quanto a história local pode se aproximar da história oral, como indica Schmidt (2004), sobre a necessidade de entender que o trabalho com a oralidade consiste em uma fonte diferenciada para captação de informações, a qual está muito relacionada com o estudo da história local.

Na disciplina Ensino de História com a Professora Ana Lúcia Abreu, eu pude retomar algumas inquietações já compartilhadas nesse trabalho, sobre a história das cidades onde cresci e tenho vivido: Taguatinga e Brasília. Percebi o quanto a história local teria me feito conhecer mais os meus locais de memória.

A partir dessas reflexões, comecei a pesquisar os lugares de Taguatinga que retratam a história da cidade. Visitei a Biblioteca Pública Machado de Assis, localizada no centro. Esse espaço é um verdadeiro complexo cultural de Taguatinga, além da biblioteca, temos o Teatro da Praça e um espaço para exposições, que tem uma exposição permanente contando toda a história da cidade a partir de depoimentos de moradores antigos, fotos e registros.

A escola que estudei no ensino fundamental e médio fica ao lado desse espaço cultural de Taguatinga e fico me indagando porque era melhor ensinar

somente a história nacional, eurocêntrica e universal do que integrar a história local a todas essas outras?

Não quero supervalorizar a história local como única estratégia pedagógica para o ensino de História, mas entendo que ela pode proporcionar uma leitura mais ampla da nossa história e da história do mundo, como diria Paulo Freire: “A leitura do mundo antecede a leitura da Palavra”.

Schmidt (2004) ressalta que, ao propor o uso da história local no ensino de História, é importante observar que a realidade local não contém, em si mesma, a chave de sua própria explicação, pois os problemas culturais, políticos, econômicos e sociais de uma localidade explicam-se também pela relação com outras localidades, outros países e, até mesmo, por processos históricos mais amplos. Essa reflexão fica clara quando relaciono a história da construção de Brasília ao surgimento da cidade de Taguatinga, que ainda hoje, abriga os operários da tão sonhada capital do País.

De acordo com Schmidt (2004):

O trabalho com a história local no ensino de História facilita, também, a construção de problematizações, a apreensão de várias histórias lidas com base em distintos sujeitos da história, bem como de histórias que foram silenciadas, isto é, que não foram institucionalizadas sob a forma de conhecimento histórico.

[...]

Ademais, esse trabalho pode favorecer a recuperação de experiências individuais e coletivas do aluno, fazendo-o vê-las como constitutivas de uma realidade histórica mais ampla e produzindo um conhecimento que, ao ser analisado e retrabalhado, contribui para a construção da sua consciência histórica. (SCHMIDT, 2004, p. 114).

A história local é mais uma estratégia pedagógica que certamente vou utilizar nas minhas aulas de História como possibilidade que terei para que meus futuros estudantes se interessem pelo conhecimento e aprendizado, e ainda na possibilidade de não reproduzir aquele ensino de História tradicional o qual sempre fui “contemplada”. E me desculpe o Sr. Juscelino, mas felizmente descobri que heróis são todos.

Ainda na disciplina de Ensino de História, tive contato com a prática do estudo do meio. Foi na disciplina de Educação e Geografia que consolidei esse aprendizado.

Lopes e Pontuschka (2009) apresentam o Estudo do Meio como:

[...] Um método de ensino interdisciplinar que visa proporcionar para alunos e professores contato direto com uma determinada realidade, um meio qualquer, rural ou urbano, que se decida estudar. Esta atividade pedagógica se concretiza pela imersão orientada na complexidade de um determinado espaço geográfico, do estabelecimento de um diálogo inteligente com o mundo, com o intuito de verificar e de produzir novos conhecimentos. (LOPES E PONTUSCHKA, 2009, p. 2)

E ainda nos apresenta os antecedentes históricos dessa prática:

O Estudo do Meio não é uma prática pedagógica nova no universo educacional brasileiro. Faz parte, na verdade, de uma “tradição escolar” que, inspirada em educadores tais como Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909) e Célestin Freinet (1896-1966), tem por objetivo proporcionar aos estudantes uma aprendizagem “mais perto da vida”, ou seja, um contato mais direto com a realidade estudada seja ela, natural ou social. (LOPES E PONTUSCHKA, 2009, p. 4)

Durante as aulas e as discussões teóricas sobre os processos de ensino e aprendizagem e estratégias pedagógicas para o ensino de Geografia, a professora Maria Lídia Bueno, como parte prática da disciplina, propôs a realização do nosso próprio estudo do meio.

A primeira etapa para a organização do nosso estudo do meio foi a opção pelo espaço e tema a serem estudados, depois realizamos a definição dos objetivos e o planejamento da atividade. A terceira foi a elaboração do caderno de campo, contendo o roteiro e o cronograma das atividades a serem desenvolvidas durante a pesquisa de campo, os textos e toda a bibliografia, documentos e mapas de apoio e espaços para anotação. A quarta etapa é o próprio trabalho de campo. E por fim a sistematização dos dados coletados e avaliação e divulgação dos resultados

Na ocasião, como a turma era muito diversificada, com estudantes de vários cursos da UnB, com diferentes histórias de vida e cada um com suas individualidades, optou-se pelo Instituto Central de Ciências, o famoso Minhocão, da Universidade de Brasília, como local para realização do estudo meio, o critério de escolha foi o espaço comum a todos.

A experiência foi muito interessante, integrou toda a turma, além das aulas, passamos a nos encontrar em outros espaços da UnB, seja por acaso ou para discutir alguma coisa do trabalho. Como tínhamos alunos de diferentes cursos, foi possível conhecer o ICC em diversas áreas, desde a construção e toda a

intencionalidade da arquitetura até os aspectos históricos, políticos e sociais daquele local.

Ao conhecer a prática do estudo do meio, me dei conta de que tinha encontrado mais um ensinamento que levarei para a minha sala de aula: uma aprendizagem mais perto da vida e com contato direto com a realidade.

Junto às reflexões de história oral, local e estudo do meio, realizei saídas de campo aos locais de memória do DF ainda na disciplina Ensino de História com a Professora Ana Lúcia Abreu.

Como proposta de atividade temática de História local, a Professora Ana Abreu organizou visitas a museus e arquivos históricos do DF, como: Catetinho, Memorial JK, Museu Vivo da Memória Candanga, Arquivo Histórico do Distrito Federal, Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal. A atividade foi feita por vários grupos e cada um apresentou um relato da visita. Eu escolhi visitar o Museu Vivo da Memória Candanga (MVMC). A escolha foi por nunca ter ouvido falar desse espaço e tampouco visitado.

Apesar de ter escolhido o MVMC para realizar a minha visita, a vontade de conhecer mais lugares de memória do DF pareceu uma proposta tentadora. A cada apresentação dos grupos e discussão na sala de aula sobre a História local a vontade de conhecer a minha cidade aumentava. Percebi que com essas vivências poderia propor um ensino de História diferente do que aprendi na escola.

Junto às discussões sobre História local, a Professora Ana Abreu nos apresentou o trabalho do Professor Antônio Fávero sobre o ensino de História e lugares de memória, na disciplina optativa Oficina de Ensino de História – Lugares de Memória do DF. Encontraria ali a oportunidade de conhecer os lugares de memória da minha cidade. Além de estabelecer meu encontro com a compreensão do museu como possibilidade de ensino.

A vivência nessa disciplina trouxe muitos aprendizados. A proposta se dividiu em dois eixos temáticos, o primeiro tratou da fundamentação teórica a partir da discussão dos conceitos de História, oralidade e memória.

Na primeira atividade, trabalhamos os conceitos de oralidade e memória. Cada estudante fez sua apresentação oral a partir de narrativas e imagens das viagens realizadas desde criança. Ao longo das apresentações, fomos aperfeiçoando as narrativas, no início, subjetivas, e, aos poucos, conseguimos construir um diálogo mais técnico. Nessa turma, a maior parte dos estudantes era do curso de Turismo, assim, fomos trabalhando a narrativa na perspectiva turística de guia mesmo.

Ainda trabalhando na perspectiva da oralidade e memória, saímos de uma atividade muito subjetiva de narrativas bem pessoais e nos foi proposto um trabalho em grupo sobre os lugares de memória na Universidade de Brasília. Os grupos se dividiram pelos cursos de graduação, e coube a mim falar sobre a Faculdade de Educação (FE).

A estrutura do meu trabalho sobre a Faculdade de Educação da UnB foi apresentar a FE em seu momento inaugural, como a primeira reitoria e toda a história integrada a inauguração da Universidade de Brasília. Na segunda parte do trabalho, fiz um registro fotográfico da estrutura física da faculdade. A terceira, foi a memória viva da FE, utilizei a História oral como metodologia, colhendo depoimentos da comunidade da FE. Por fim, apresentei alguns projetos futuros da Faculdade de Educação, como a expansão do espaço físico e a discussão do Projeto Político Pedagógico.

Já o segundo eixo temático tratou dos lugares de memória no DF, trabalhando os conceitos de museu e patrimônio histórico e cultural, além da descoberta de lugares de memória histórica e a compreensão da contribuição dos lugares de memória do Distrito Federal para uma educação cidadã.

A compreensão do que venha a ser o museu é ampla e diversificada, contudo destaco o conceito que Blanco nos apresenta:

O museu pode ser considerado uma instituição permanente, sem finalidade lucrativa, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. É uma instituição aberta ao público, a qual adquire, conserva, pesquisa, comunica e exhibe evidências materiais do homem e de seu ambiente para fins de pesquisa, educação e lazer. (BLANCO apud SCHMIDT, 2004, p. 122):

Dos diversos lugares de Brasília que visitamos, o que me interessou mais foi a história do Museu Vivo da Memória Candanga, que já tinha visitado na disciplina de Ensino de História.

O MVMC abrigou, durante a construção da tão sonhada capital do País, o primeiro hospital da cidade, construído em 1957, o Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira (HJKO). Por ser mantido pelo Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, ficou popularmente conhecido como IAPI.

Ele teve funcionamento até o ano de 1968, quando iniciou-se o período de degradação e esquecimento. Segundo relatos dos funcionários do MVMC, o conjunto arquitetônico do HJKO foi tombado pelo Governo do Distrito Federal como Patrimônio Histórico em 1985. A partir desse momento, iniciaria então o tombamento e restauro desse lugar de memória. No ano de 1990, o lugar passa a abrigar o então Museu Vivo da Memória Candanga.

De acordo com a descrição dos documentos e encartes elaborados pela gestão do MVMC, o lugar é compreendido como:

[...] um espaço de registro, preservação e difusão das histórias e da cultura candanga, cumpre seu papel social, propondo e realizando ações que contribuem para a educação e formação de crianças, jovens e adultos em diferentes programas, representando, ainda, um espaço de transformação social e de desenvolvimento educacional e cultural da sociedade, que resguarda identidades e estabelece vínculos com o passado, para fazer conhecer o presente. Duas vertentes norteiam os rumos do MVMC: a do patrimônio histórico-cultural, com o resgate do processo histórico e da memória sócio-cultural e a vertente da cultura em processo, incentivando a troca entre os diversos saberes e o desenvolvimento e aprimoramento do fazer. O MVMC é formado por espaço para oficinas, restaurante, administração, reserva técnica, auditório, sala de exposições temporárias e de longa duração, exposição de arte popular e artesanato, espaço para apresentações artísticas e eventos, Biblioteca, Telecentro, além do amplo bosque reservado como área de lazer. (MUSEU VIVO DA MEMÓRIA CANDANGA, 2013).

Diferente da história aprendida por mim sobre a construção de Brasília, na qual JK sempre foi a figura central, o MVMC traz a história cultural e coletiva contada pelo povo. Nessa perspectiva, compreendi que o MVMC é um espaço riquíssimo para a memória de Brasília, além de ser mais um espaço que me possibilita trabalhar no ensino de História a partir da história local e do museu enquanto abordagem de ensino a partir da Educação Patrimonial.

Fernandes (1993) esclarece o que vem a ser a Educação Patrimonial e sua relação como a função pedagógica do museu:

Por Educação Patrimonial, entende-se a utilização de museus, monumentos, arquivos e bibliotecas – os “lugares de memória”, para usarmos a expressão do historiador francês Pierre Nora, no processo

educativo, a fim de desenvolver a sensibilidade e a consciência dos educandos e futuros cidadãos da importância da preservação destes bens culturais. (FERNANDES, 1993, p. 265).

Ao traçar um paralelo entre a história tradicional de Brasília, na qual o JK é figura central, e a história cultural de Brasília de que trata o MVMC, compreendi como a História, enquanto disciplina escolar, esteve extremamente comprometida com os interesses políticos do País e diretamente ligada a construção da história cultural das cidades, das identidades, da memória e da cidadania da população. Segundo Fonseca (2011), a História como disciplina escolar se consolidou com:

A afirmação das identidades nacionais e a legitimação dos poderes políticos que fizeram com que a História ocupasse posição central no conjunto de disciplinas escolares, pois cabia-lhe apresentar às crianças e aos jovens o passado glorioso da nação e os feitos dos grandes vultos da pátria. [...] a história como disciplina escolar se constituiu, fortemente marcada por uma perspectiva nacionalista, servindo aos interesses políticos do Estado. (p.24 e 25).

Aprender que Juscelino Kubitschek foi um grande presidente e herói do Brasil não é apenas maçante como, inocentemente, eu julgava, ao contrário. Hoje, compreendo que fez e ainda faz parte de interesses políticos em priorizar uma história nacionalista, formando identidades únicas ou quase as extinguindo, afinal, não somos parte de história alguma, não temos memória e como diria o Rapper Emicida: “cidadão não passa de uma cidade grande”.

Fonseca ainda compartilha que,

Esses eram os objetivos da historiografia comprometida com o Estado e sua produção alcançava os bancos das escolas por meio dos programas oficiais e dos livros didáticos, elaborados sob estreito controle dos detentores do poder. Casos conhecidos são, por exemplo, do Brasil com a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro para controle sobre a produção historiográfica e sobre o ensino de História. (p.24)

Com essas afirmações, podemos ter a dimensão da influência política que a educação escolar protagonizou e ainda protagoniza, e de como o saber e o conhecimento são mecanismo de poder. Paulo Freire nos convida a exercer a educação como prática de liberdade, na qual o poder é do povo e para o povo, alterando essa lógica nacionalista em que o poder se concentra na mão do Estado.

Na visita ao MVMC me veio uma sensação de pertencimento ao conhecer um espaço onde a história de Brasília é contada não só a partir da lógica nacionalista e tradicional, mas traz a memória candanga, do povo, das pessoas. Mais uma vez

aquele sentimento de que já falei neste trabalho me tomou naquele dia: “eu também sou um ser histórico, caramba!”, nesse tom mesmo de desabafo.

A compreensão do museu enquanto abordagem de ensino de História é a maneira que esse desabafo pessoal se torna uma ação. Exercer o ensino de História como prática da cidadania, do direito à memória e à história coletiva e do conhecimento como fio condutor da liberdade é meu imperativo enquanto educadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pessoas parecem que nascem com o dom da narrativa, estão sempre dispostos a falar e a produzir seus diálogos e histórias de vida. Porém, pude identificar nas minhas experiências escolares e acadêmicas que pouco se quer ouvir. É um paradoxo intenso entre a escuta sensível ao que o outro quer falar e ao que quer fazer ouvir.

Ainda na escola, quando escutava por horas a professora Jane me ensinar sobre a história de Brasília e quando fazia a leitura dos livros de História que vangloriavam a figura do JK, eu pensava: quando será que vou falar? Será que eu não faço parte dessa história?

Na universidade, quando optei pelo memorial de formação como metodologia de escrita para este projeto final de curso, o paradoxo entre o ouvir e do falar rondava meus pensamentos. Será que a universidade está disposta a ouvir a minha história de vida social, escolar e acadêmica? Ou será que ela só quer que eu a escute?

A escolha por essa escrita reflexivo-narrativa a respeito da minha formação enquanto educadora é mesmo intencional e me dá o direito a pensar minha história. É dizer para a universidade: “aqui é meu lugar de direito, quero ser ouvida, por gentileza, me escute”. É também responder aos meus anseios e questionamentos. Será que sou capaz de compartilhar os saberes aprendidos no curso de Pedagogia? Como formar cidadãos conscientes do seu lugar no mundo? Será que vou conseguir exercer uma educação libertadora? Passeggi (2006) me conforta e faz acreditar que a escolha pelo memorial de formação foi uma opção acertada:

Os memórias tornaram-se meu objeto de estudo, porque eles me pareciam ser uma forma de o professor tomar a palavra enquanto sujeito-autor de sua história. Um modo de convidar o outro para a escuta sensível do seu pensar. Uma abertura para o diálogo com a instituição formadora, colegas, formadores e pesquisadores. Estimularam-me a crer que somente a partir daí se poderia co-inventar a formação. (PASSEGGI, 2006, p. 73).

Dessa vontade de ser ouvida, compreendi que, não por acaso, estabeleci diversos encontros com o ensino de História durante minha trajetória acadêmica. Questionar o ensino de História tradicional é reivindicar o meu lugar enquanto sujeito

histórico. Trazer a História local, oral, coletiva, o estudo do meio e a educação patrimonial para a minha prática escolar é vislumbrar perspectivas de mudanças para o ensino de História e para uma educação escolar verdadeiramente cidadã, que forme sujeitos conscientes do seu estar no mundo e que incorpore a história de vida das pessoas e suas realidades ao ensino e a aprendizagem, mas que, sobretudo, respeite e atenda a todos e todas nas suas peculiaridades.

Para que a escola seja espaço de vida e não de morte, ela precisa estar aberta para a diversidade cultural, étnica e de gênero e às diferentes opções sexuais. As diferenças exigem uma nova escola. (GADOTTI, 2008, p. 4).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, Maria do Socorro Xavier. Movimentos Sociais e Educação Popular do Campo (Re)constituindo Território e a Identidade Camponesa. **Educação e movimentos sociais**: novos olhares. Campinas: Alínea, 2007.

BLANCO, Ângela Garcia. Didáctica del museo – el descubrimiento de los objetos, 1995. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar história**: pensamento e ação no magistério. São Paulo: Scipione, 2004. p.122-123.

BOTELHO, Denise Maria. **Educação e Orixá**: Processos Educativos no Ilê Axé Iya Mi Agba. (Tese de Doutorado). São Paulo, Faculdade de Educação (FE), Universidade de São Paulo, 2005.

BRANDÃO, Ana Paula. **A Cor da Cultura – Saberes e Fazeres – Modos de Interagir**, v. 3. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Discriminação racial e pluralismo em escolas públicas da cidade de São Paulo. In: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE. **Educação Anti-racista. Caminhos Abertos pela Lei Federal, nº 10.639/03**, Brasília, 2005, p. 65-104.

CORDAZZO, Scheila Tatiana Duarte; VIEIRA, Mauro Luís. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, v. 7, n. 1, p. 92-104, 2007.

DA SILVA, Edcleide Maria; DA SILVA, Thaysa Danyella Lira. Desenvolvimento sustentável: uma abordagem sob a perspectiva da teoria do pensamento complexo. In: IX CONGRESSO VIRTUAL BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO – Convibra Administração, 2012. **Anais...** Disponível em: <http://www.convibra.com.br/upload/paper/adm/adm_3652.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2013.

DE LA TAILLE, Yves. Autoridade na escola. In: AQUINO, Julio Groppa (org.) **Autoridade e autonomia na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, p. 9-29, 1999.

FERNANDES, José R. O. Educação patrimonial e cidadania: uma proposta alternativa para o ensino da história. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, n. 25-26, p. 265-276, set./ago. 1992-1993

FISCHMANN, Roseli. Escola laica, liberdade e igualdade. OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA, Seção Cadernos da Cidadania, ed. 632, ano 17, n. 777, ISSN 1519-7670, 2011. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/escola_laica_liberdade_e_igualdade>.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História**. Campinas: Papirus, 2003.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. **História & Ensino de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FREIRE, Paulo. Educação “bancária” e educação libertadora. In: PATTO, M. H. S. (org.). **Introdução à psicologia escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 61-80, 2006.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. São Paulo: Olho D'agua, 1997.

GADOTTI, Moacir. A escola na cidade que educa. **Recuperado de Secretaria Municipal da Educação, Cultura, Esporte e Lazer**. Disponível em: <http://www.smec.salvador.ba.gov.br/documentos/carta_moacir.doc>, 2008.

LOPES, Claudivan S.; PONTUSCHKA, Nídia N. Estudo do meio: teoria e prática. **Geografia (Londrina)**, v. 18, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/2360>>. Acesso em: 16 dez. 2013.

MUSEU VIVO DA MEMÓRIA CANDANGA, 2013. Disponível em: <<http://www.cultura.df.gov.br/historia-do-museu-vivo-da-memoria-candanga.html>>. Acesso em: 18 dez. 2013.

PASSEGGI, Maria Conceição. As duas faces do memorial acadêmico. **Odisséia (UFRN)**, v. 9, p. 65-75, 2006.

REVISTA SANKOFA DE HISTÓRIA DA ÁFRICA E DE ESTUDOS DA DIÁSPORA AFRICANA. [on-line]. **O conceito de Sankofa e a concepção Africana de História**, Apresentação. São Paulo, Núcleo de Estudos de África, Colonialidade e Cultura Política (NEACP), ISSN 1983-6023, 2006. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/revistasankofa/Home>>.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar história: pensamento e ação no magistério**. São Paulo: Scipione, 2004.

SITTON, Thad; MEHAFFY, George; DAVIS JR., O. L. História oral – Um guia para professores (y otras personas), 1995. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar história: pensamento e ação no magistério**. São Paulo: Scipione, 2004 p.131.